

la fundación

Revista da Fundación MAPFRE#52
Setembro 2020
www.fundacionmapfre.org

Em primeira pessoa

Andrés Conde,
diretor geral da
Save the Children Espanha

Arte

**O MUNDO DE
LEE FRIEDLANDER**

A viagem fotográfica
de Paul Strand

BILL BRANDT

Cuide-se

EM TORNO DO “ECO”

Prevenção

**RELATÓRIO DE QUEIMADOS:
UM BÁLSAMO DE DADOS**



VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

www.fundacionmapfre.org

Fundación **MAPFRE**

Lee Friedlander
Nueva York, 1963
Imagen de plata en gelatina
28 x 35,5 cm
Cortesía del artista y de
Fraenkel Gallery, San
Francisco
© Lee Friedlander, cortesía de
Fraenkel Gallery, San
Francisco

LEE FRIEDLANDER

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Del 01/10/2020 al 10/01/2021

Horario de visitas
Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 11:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



LEE FRIEDLANDER

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 01/10/2020 to 10/01/2021

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 11 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Bill Brandt
Bond Street hatter's show-case
[Vitrina de sombrerería en Bond
Street], 1934
30,48 x 23,50 cm
Private collection, Courtesy Bill
Brandt Archive and Edwynn
Houk Gallery
© Bill Brandt / Bill Brandt
Archive Ltd.

BILL BRANDT

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral, 30
08005 Barcelona

Fechas
Del 09/10/2020 al 24/01/2021

Horario de visitas
Lunes cerrado
Martes a domingo (y festivos)
de 11:00 a 19:00 h.



BILL BRANDT

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral, 30
08005 Barcelona

Dates
From 09/10/2020 to 24/01/2021

Visiting hours
Monday: closed
Tuesday to Sunday (and holidays)
from 11 am to 7 pm.

Paul Strand
Wall Street, New York
[Wall Street, Nueva York], 1915
Impresión al platino paladio
Colecciones Fundación
MAPFRE
© Aperture Foundation Inc.,
Paul Strand Archive

PAUL STRAND

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral, 30
08005 Barcelona

Fechas
Del 09/10/2020 al 24/01/2021

Horario de visitas
Lunes cerrado
Martes a domingo (y festivos)
de 11:00 a 19:00 h.



PAUL STRAND

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral, 30
08005 Barcelona

Dates
From 09/10/2020 to 24/01/2021

Visiting hours
Monday: closed
Tuesday to Sunday (and holidays)
from 11 am to 7 pm.

ESPACIO MIRÓ

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Exposición Permanente

Horario de visitas
Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.

Acceso gratuito con la compra
de la entrada a las salas
Fundación MAPFRE Recoletos



ESPACIO MIRÓ

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Permanent Exhibition

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.

Free access with the purchase
of an entrance ticket to the exhibition
halls of Fundación MAPFRE Recoletos



**EVITA COLAS COMPRANDO
ONLINE TUS ENTRADAS**

**BEAT THE QUEUE,
BUY YOUR TICKETS ONLINE**

**¡RESERVA TUS ENTRADAS!!
BOOK YOUR TICKETS!!**

www.entradas.fundacionmapfre.org





Quer se aprofundar na arte?

É um prazer para a Fundación MAPFRE convidar o público a voltar a passear pelas nossas salas de exposições, especialmente no recém-criado Centro de Fotografia KBr em Barcelona. Mas não só temos Paul Strand e Bill Brandt em Barcelona, também temos Lee Friedlander em Madrid, nossas coleções de desenhos em Málaga... O importante é seguir em

frente, voltar a nos encontrar, voltar a aproveitar das sensações que a cultura nos deixa na mente e no corpo, a aprender e compartilhar esses momentos, sabendo também que estamos adotando todas as medidas de prevenção e segurança. Convidamos você a voltar, convidamos você a nos conhecer um pouco mais. ✕

la fundación Revista da Fundación MAPFRE Presidente do Conselho Editorial Ignacio Baeza Diretor Javier Fernández González Edição Direção de Comunicação da MAPFRE Redação Ctra. de Pozuelo 52. 28222 Majadahonda. Madrid. F 915 815 359. comunicacion@mapfre.com www.fundacionmapfre.org **Distribuição** Área de Marketing da Fundación MAPFRE. Pº de Recoletos, 23. 28004 Madrid. informacion@fundacionmapfre.org **Realização editorial** Moonbook S.L. contenidos@moonbook.es **Impressão** Edipack Grafico, S.L. Depósito legal M-26870-2008 ISSN 1888-7813 A publicação desta revista não necessariamente supõe a concordância da Fundación MAPFRE com o conteúdo dos artigos e trabalhos nela contidos. A reprodução de artigos e notícias é autorizada desde que conte com prévia e expressa autorização dos editores, e sempre citando sua origem. **Capa** © Lee Friedlander, *Nashville*, 1963, Coleções Fundación MAPFRE

sumário

ANDRÉS CONDE



EM PRIMEIRA PESSOA

6 ANDRÉS CONDE

Andrés Conde, diretor geral da Save the Children Espanha, nos fala sobre a situação da infância no mundo.

ARTE



12 O MUNDO DE LEE FRIEDLANDER

Desde o dia 1º de outubro, esta exposição pode ser visitada em nosso novo Centro de Fotografia KBr em Barcelona.

O MUNDO DE LEE FRIEDLANDER



18 A JORNADA FOTOGRÁFICA DE PAUL STRAND

De 9 de outubro a 24 de janeiro de 2021, a exposição Paul Strand nas Coleções Fundación MAPFRE pode ser apreciada no Centro de Fotografia KBr da Fundación MAPFRE, em Barcelona.

Lee Friedlander
Omaha, Nebraska, 1995
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery, San Francisco
© Lee Friedlander, cortesia de Fraenkel Gallery, San Francisco



24 BILL BRANDT

O novo Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE, Barcelona, abre suas portas com a primeira retrospectiva realizada na Espanha sobre Bill Brandt.

UMA VIAGEM À ESPERANÇA



COMPROMETIDOS

30 UMA VIAGEM À ESPERANÇA

O espaço de exposições sociais da Torre MAPFRE em Barcelona recebe uma exposição sobre o trabalho da Fundação Kalipay nas Filipinas.



34 PROFISSIONAIS E MAIS

Conversamos com Karla Hoyos, chef executiva do restaurante The Bazaar by José Andrés em Miami e colaboradora do projeto beneficente Word Center Kitchen.

38 SEGREDOS DO SEGURO

FANTASIA E MITOLOGIA NAS PLACAS DE SEGURO

CUIDE-SE

42

O 'HOME OFFICE' COLOCA A SAÚDE À PROVA

Prós e contras de uma modalidade de trabalho que se espalha pelo mundo.

46

EM TORNO DO «ECO»

Te contamos tudo que há por trás do termo «ecológico».

PREVENÇÃO

50

QUEIMADOS NA ESPANHA: UM BÁLSAMO DE DADOS

Analisamos as conclusões do «Relatório sobre lesionados por queimaduras na Espanha (2011-2017)».

54 INOVAÇÃO SOCIAL

PRÓXIMA PARADA PARA A INOVAÇÃO SOCIAL: A FINAL DOS PRÉMIOS **FUNDACIÓN MAPFRE**

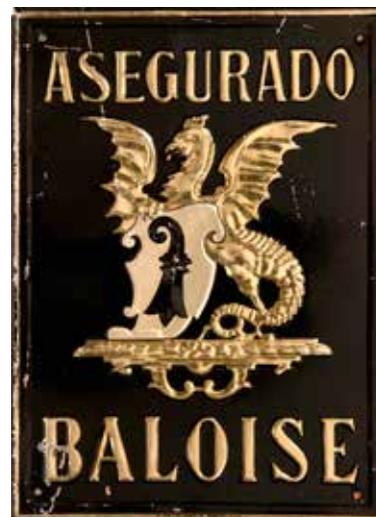
No dia 28 de outubro será celebrada em Madrid a final da terceira edição deste importante evento que premia projetos que farão deste mundo um lugar melhor.

62 OUTRA MANEIRA DE AJUDAR

64 VISTO NA REDE



FANTASIA E MITOLOGIA NAS PLACAS DE SEGURO



QUEIMADOS NA ESPANHA: UM BÁLSAMO DE DADOS



A FINAL DOS PRÉMIOS FUNDACIÓN MAPFRE





enfocados en los niños
las niñas que sufren
más privaciones.



**Andrés Conde, diretor geral de Save
the Children Espanha desde 2014**
«Embora as crianças não sejam as
principais vítimas da emergência
sanitária, serão as principais vítimas
da emergência econômica, social
e educacional»

TEXTO: ÁNGEL MARTOS IMAGENS: LAURA MARTINEZ LOMBARDÍA

A infância é uma etapa fundamental no desenvolvimento de cada ser humano, momento em que cada um de nós determina o seu futuro. Por isso, a ONG Save The Children luta há mais de um século pelos direitos dos pequenos, aqueles que no futuro farão deste mundo um lugar melhor. Diante do COVID-19, as crianças têm sido submetidas a todos os estresses impostos pela situação de saúde. Como ressalta Andrés Conde, diretor geral da ONG na Espanha, as crianças não sofrerão gravemente com esta nova doença, mas «serão as principais vítimas da emergência econômica, social e educacional» em consequência da pandemia. Conversamos com ele para saber como está a infância no mundo e vislumbrar a solução para os problemas que sofrem.

As histórias infantis são histórias de terror. E por mais que a Disney (mas não só) os tenha transformado em ficções com o toque caloroso de um bicho de pelúcia, a verdade é que em todos eles a verdade se infiltra por trás de Era uma vez... como um alerta sobre a realidade. Em Pinóquio e Cinderela, fala-se de escravidão infantil. Em Hansel e Gretel, do sequestro de crianças. Chapeuzinho Vermelho é a história de um bullying e A Bela e a Fera, a metáfora de um casamento forçado. Nesse sentido, os contos folclóricos são puras estatísticas sobre um mundo adulto no qual meninos e meninas podem ser vítimas. Contra esse destino ruim, a ONG internacional Save The Children nasceu em Londres há mais de um século. Uma luta que hoje se intensificou pela imensa fatalidade que a pandemia do coronavírus representava e da qual conversamos com o diretor executivo da entidade na Espanha, Andrés Conde.

Quando abordamos os dados sobre a infância no mundo, é surpreendente pensar em tantos milhões de crianças que ainda sofrem uma infância difícil e um futuro incerto. Nenhuma boa notícia sobre a infância?

Realmente muito bom. Quando se olha para os indicadores mais importantes da infância em termos de saúde, nutrição, educação, proteção, o progresso da humanidade no último século é espetacular. Só nos últimos 20 anos, o número de crianças que morrem por causas que podemos prevenir, por falta de vacina ou acesso a água potável, ou porque não

são devidamente alimentadas, caiu pela metade. É incrível. Se nos empenharmos, em mais 15 ou 20 anos nenhuma criança morreria por causas que possamos evitar. O mesmo na educação ou na luta contra a violência contra as crianças, o progresso tem sido muito importante. As notícias são muito boas, mas ainda existem bolsões de extrema pobreza, extrema violência, extrema injustiça que devem ser erradicados.

Que lugares e situações são terríveis para ser menino ou menina hoje?

Existem lugares geográficos que são verdadeiros infernos para meninos e meninas. Todos aqueles que nasceram em circunstâncias de conflito armado consideram seu desenvolvimento extremamente difícil. No Iêmen, no Afeganistão, ser criança é heroico. Existem locais afetados pelas secas, pelos efeitos das mudanças climáticas, onde as condições de vida de meninos e meninas também são péssimas, como o Chifre da África, o Golfo de Bengala, o Sahel. E depois há as circunstâncias pessoais, as minorias étnicas, as crianças com diferentes orientações sexuais, com deficiência, que continuam a ser, a nível global, os muito esquecidos.

E neste afresco com muita luz e alguma escuridão, a pandemia de COVID-19 irrompe. Como isso está afetando a infância?

Dizemos que, embora as crianças não sejam as principais vítimas da emergência sanitária, serão,



«Em um país frágil ou em desenvolvimento, a escola é o único lugar onde a alimentação é garantida, onde as crianças recebem alimentação garantida e balanceada por dia»

sem dúvida, as principais vítimas da emergência econômica, social e educacional. Calculamos que mais 100 milhões de crianças cairão na pobreza extrema como resultado dos confinamentos em todos os países, com a desaceleração econômica e a redução da renda familiar. A outra causa é que, pela primeira vez na história, mais de 1.000 milhões de meninos e meninas têm seu processo educacional interrompido, simultaneamente, em vários países. No auge [dos confinamentos], havia 1,6 bilhão de crianças impossibilitadas de ir à escola.

Mas o que significa essa interrupção temporária da educação? Existem aqueles que minimizam sua importância.

Num país frágil ou em desenvolvimento, a escola é o único local onde a alimentação é garantida, onde as crianças recebem diariamente uma refeição garantida e equilibrada. É o espaço de acompanhamento do estado de saúde das crianças. É o lugar, logicamente, de aprendizagem e socialização primária. E é também o local de proteção contra a violência. Enquanto estão nas escolas, estão protegidos. Estamos fechados há 6 meses em que a escola, que é o grande polo de desenvolvimento das crianças, está fechada. E

também, foi a primeira coisa que foi fechada em todos os países, inclusive no nosso. Escolas e playgrounds estão fechados porque suas consequências políticas não são tão grandes. Isso nos leva a uma situação que chamamos de emergência educacional global.

Quais são os riscos envolvidos nesta situação?

O risco de muitas dessas crianças não voltarem à escola é muito grande, pois a deterioração econômica de suas famílias as levou a trabalhar. Há uma falta muito séria de proteção para as meninas, especificamente, estamos vendo um grande aumento nos casamentos forçados por razões econômicas. Questões relacionadas à proteção de meninas, como mutilação genital feminina ou violência de gênero, também explodiram, porque o contexto intrafamiliar costuma ser o lugar da violência, e o confinamento fez com que ela aumentasse muito.

Neste contexto global, onde se situa a Espanha? O senhor falou em recente aparição no Congresso dos Deputados deste país como uma exceção na Europa, para pior.

Não temos noção da gravidade da situação da infância na Espanha porque somos uma sociedade «familista»,



«Se você
nascer
em uma
família de
renda mais
baixa, está
condenado a
repetir a vida
de seus pais»



onde em princípio existe uma avaliação muito positiva e um grande carinho pelos nossos meninos e meninas. Mas quando vamos aos dados sobre o estado educacional, de saúde e emocional de nossa infância, percebemos que não é esse o caso. Nosso país, por exemplo, disse isso em comparecimento ao Congresso, investe metade da média europeia em políticas familiares e infantis. Isso já é um sinal de que você se preocupa com a infância. Há muito tempo que tem a maior taxa de abandono escolar da UE e não fomos capazes, como sociedade, de corrigi-lo. Vivemos com o maior índice de pobreza infantil, depois da Romênia, há muito tempo e não estamos cuidando disso (e não seria tão complexo resolvê-lo)... Lembro-me da primeira vez que falei com Pedro Sánchez, antes de ele ser Presidente do Governo, e eu disse a ele que a Espanha não é um bom país para ser uma criança. Ele ficou muito surpreso, porque não esperava. Mas é assim. Se você nasceu na família certa, com certeza se sairá bem, mas se o fizer em uma família do quintil de renda mais pobre, você está condenado a repetir a vida de seus pais.

Em nosso ambiente privado, as crianças são as pessoas mais importantes e despertam todo o nosso amor e proteção. Por que não conseguimos transformar esses sentimentos em política?

Dizemos que as questões da infância são de alto consenso, mas de baixíssima intensidade. É muito fácil chegar a um consenso sobre a sua importância, mas na hora de implementar medidas, alocar orçamentos, a infância é sempre esquecida. Mas estamos falando de 8 milhões de cidadãos na Espanha, 15% da população. No mundo, em muitos países a cifra ultrapassa os 50%... No nosso país, também está relacionada com a cultura mediterrânea, na qual se pressupõe que meninos e meninas são um assunto de família, algo de responsabilidade privada, e não tão bom. que toda a sociedade deve proteger. No entanto, este não é o caso dos países nórdicos, que são os mais avançados na proteção e no cuidado das crianças. Ali se entende que é responsabilidade coletiva e pública zelar pelo bem-estar e o bom desenvolvimento de seus filhos.



Uma das coisas mais interessantes sobre o seu discurso no Congresso foi ver que, apesar da gravidade dos números, havia a possibilidade de corrigi-los com medidas concretas.

Temos evidências de outros países que conseguiram reduzir a pobreza infantil pela metade em uma legislatura. O Reino Unido entendeu, é uma questão de propósito. A pobreza é um problema econômico e requer recursos financeiros para acabar com ela, mas pode ser feito. Temos o caso da Irlanda, que parte de taxas iniciais de pobreza infantil superiores às nossas e são as políticas públicas que conseguem reduzi-las de forma muito significativa. Temos países que são muito piores em termos de educação do que o nosso, mas que não apresentam taxas de evasão como nós. Claro que existem políticas, é uma questão de priorizar e investir.

Além dos representantes públicos, o que cada um de nós pode fazer a respeito?

Acredito que ganhamos consciência, nos interessamos pela natureza desses problemas. Sei que existe uma certa negação da pobreza infantil, que enfrento todos os dias. Tem a ver com uma certa imagem estereotipada da pobreza. Quando dizemos pobreza infantil, as pessoas imaginam crianças maltrapilhas

e mendicantes, e não é isso, pelo menos na Espanha. Uma criança que vive na pobreza em nosso país nunca pode fazer uma atividade extracurricular, não tem dinheiro para pagar o material didático, sua casa não tem a temperatura certa no inverno, ela come muito mal porque em casa não tem dinheiro para comprar frango ou peixe duas vezes por semana, conforme recomendação da OMS... Na Alemanha, França, Suécia, há bolsas de educação para os filhos entre 100 e 200 euros por mês. Aqui, as poucas famílias que têm ajuda chegam aos 28 euros por mês, o que obviamente não resolve nada para si: na Save The Children calculamos que criar um filho em Espanha custa entre 500 e 600 euros por mês.

Agora começa o ano letivo e ainda se fala na necessidade de avançar na educação on-line. Qual a sua opinião sobre este formato?

Fomos obrigados a generalizar a educação a distância em um contexto em que ninguém estava preparado. Os esforços feitos pela comunidade de ensino e famílias para tentar manter um certo processo educacional têm sido milagrosos. Na Save The Children, atendemos 3.000 famílias na Espanha desde uma semana após o estado de alarme. Todos em situação de pobreza que os serviços sociais nos encaminharam. 40% deles não possuíam qualquer forma de acesso à internet ou dispositivos. A educação a distância pelo meio digital tem sido um remendo necessário, mas não é uma solução de forma alguma, e principalmente pune crianças em situação de vulnerabilidade, pois existe uma grande brecha digital, que não é apenas sobre dispositivos e conectividade, que também, mas de treinamento e treinamento básico.

Quando falamos de boas notícias para as crianças na Espanha, o foco está também na nova Lei Orgânica para a proteção integral de crianças e adolescentes contra a violência.

É um avanço espetacular. Esperamos que aconteça este ano. Até agora, não havia um quadro jurídico destinado a proteger as crianças contra a violência, como existe, por exemplo, para proteger as mulheres da violência de gênero. Se formos às estatísticas das queixas à polícia e ao Ministério do Interior, veremos que um em cada dois crimes de abuso e

«Sei que existe uma certa negação da pobreza infantil, que enfrento todos os dias. Tem a ver com uma certa imagem estereotipada da pobreza»



agressão sexual denunciados tem um menor como vítima. No ano passado foram 38.000 reclamações... Considerando que na maioria das vezes ocorrem no ambiente familiar e por isso não é denunciado, esse número é apenas a ponta do iceberg de algo muito maior.

Como experimentaríamos seu início?

Depois dessa lei veremos ambientes educacionais, esportivos e de lazer que terão um nível muito maior de vigilância e cuidado com as situações de violência, que serão ambientes seguros para nossos filhos. Com o passar do tempo perceberíamos uma menor tolerância social em relação às formas de violência sofridas na infância, como abusos, assédios, agressões de todos os tipos. Na Espanha, há um certo entendimento de que certas formas leves de violência contra as crianças são estratégias educacionais, que é legítimo usá-las como pais e até mesmo que é positivo fazê-lo. Existem outras sociedades onde isso não pode ser dito. Como sociedade mediterrânica, temos muito incorporado, mas tenho a certeza

que aos poucos vai sendo abandonado. É algo muito difundido, mas muito menos grave do que as situações de abuso ou agressão.

Você fala sobre as crianças como cidadãos, elas deveriam receber mais voz e influência para fazer cumprir seus direitos?

É um debate interessante. Nesta sociedade «centrada no adulto» que temos, entendemos que os adultos são perfeitamente capazes de interpretar o que as crianças sentem, pensam e precisam, e você não precisa perguntar a eles. Mas quando fazemos isso eles sempre nos surpreendem, porque seus ângulos e perspectivas são muito diferentes. Por outro lado, se aos 16 anos uma pessoa pode se casar, por que não pode exercer seu direito de voto? Existem muitas sociedades que o consideram. Somos a favor da abertura do direito de voto a partir dos 16 anos. Até porque temos uma base eleitoral forte e em envelhecimento progressivo, e políticas que maltratam ou tratam insuficientemente os mais jovens. Portanto, rejuvenescer a base eleitoral, acho que seria saudável para o país. ⊗

Em poucas palavras

ADULTO: Responsável

ONG: Plataforma de mudança

JOGAR: Um direito

DINHEIRO: Essencial

FUTURO: Esperança

REDES SOCIAIS: Ódio e alcance

POLÍTICA: Oportunidade de mudança

VIOLÊNCIA: Inimigo invisível

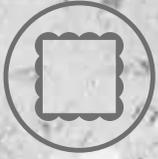
AMOR: Base imprescindível

UM SONHO: fazer deste país um dos melhores lugares para ser menino ou menina

UM FILME: *Os miseráveis* (francês de menores estrangeiros)

UMA PALAVRA: Mudança





O mundo de Lee Friedlander

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE
IMAGENS: © LEE FRIEDLANDER, CORTESIA DE FRAENKEL GALLERY, SAN FRANCISCO

A Fundación MAPFRE apresenta em sua sala Recoletos de Madri um percurso cronológico pela extensa obra do artista americano Lee Friedlander. A exposição pode ser visitada de 1 de setembro de 2020 a 10 de janeiro de 2021.

A exposição

Lee Friedlander é fotógrafo quase desde sua adolescência e conta com uma ampla produção que desenvolveu durante sua longa carreira. Nasceu em Aberdeen, no estado de Washington, no dia 14 de julho de 1934 e começou a fotografar durante seus anos de ensino médio. Depois de se formar, viajou para a Califórnia para estudar na Art Center School of Design de Los Angeles. Desiludido com as aulas, começou a assistir as aulas do pintor e fotógrafo Alexander Kaminski, que passou a ser seu amigo e conselheiro. Em 1956 mudou para Nova York, onde trabalhou para diferentes revistas como *Esquire*, *Holiday* ou *Sports Illustrated*. Além disso, realizou retratos de alguns dos mais importantes músicos de jazz da cena americana para capas de discos de vinil. Ao mesmo tempo, desenvolveu seu trabalho de forma independente, em uma época em que a fotografia ainda não tinha adquirido seu status definitivo como expressão artística.

Aos vinte e oito anos de idade, em 1962, o artista havia atingido a maturidade como fotógrafo. Prova disso foi sua participação em uma exposição coletiva histórica, *The Photographer's Eye*, realizada no MoMA de Nova York, entre maio e agosto de 1964. Pouco antes, foi solicitado que ele fizesse uma declaração sobre sua obra e ele disse que o objeto de seu trabalho era «a paisagem social americana».

Canhão de Chelly, Arizona, 1983
Prata em gelatina
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery, San Francisco

Apesar desta definição, não se deve esquecer que os novos documentalistas estão interessados principalmente, em conhecer mais sobre si mesmos e sobre os fatos visuais do que sobre os problemas sociais que preocupavam seus antecessores.

Em 1966 participou, junto a Bruce Davison e Garry Winogrand, da exposição *Toward a Social Landscape*, organizada pela George Eastman House de Rochester. No ano seguinte participou da modesta, mas emblemática mostra *New Documents*, organizada por John Szarkowski, também no MoMA de Nova York. Nela, Lee Friedlander estava acompanhado por Garry Winogrand e Diane Arbus. Depois desta exposição, as obras dos três passam a ser consideradas como grandes revelações da fotografia do século XX.

Esta exposição revela um artista muito prolífico, curioso e também apaixonado pela música e livros, e que ainda hoje continua ativo. A exposição apresenta um percurso cronológico por toda sua obra: quase 350 fotografias, incluindo retratos, autorretratos, fotografias de família, natureza e paisagens urbanas, com as quais frequentemente forma séries, que reúne por associações temáticas e estilísticas desenvolvidas ao longo de vários anos. Muitos destes conjuntos foram especificados em diferentes publicações também presentes na exposição, entre as que podemos destacar como mais relevantes *Self Portrait* (1970), *The American Monument* (1976), *Family* (2004), *America by Car* (2010) e *Western Landscapes* (2016). Outros

A exposição apresenta cerca de 350 fotografias, incluindo retratos, autorretratos, fotografias de família, natureza e paisagens urbanas, com as quais frequentemente forma séries, que reúne através de associações temáticas e estilísticas desenvolvidas ao longo de vários anos



Nova York, 2011
Prata em gelatina
Coleções Fundación
MAPFRE

materiais também estão incluídos, por exemplo, os discos vinil de jazz acima mencionados, cujas capas são o resultado de fotografias realizadas por Friedlander no início de sua carreira.

Anos sessenta

Desde sua chegada a Nova York até 1970, o trabalho encomendado a Lee Friedlander o obrigou a viajar de carro pelo país, o que acabou

sendo seu trabalho mais pessoal e artístico. Apaixonado pela música, visitou Nova Orleans várias vezes, retratando a vida e a cultura da cidade. Durante estes anos ele também realizou inúmeros retratos de músicos de jazz, os únicos exemplos de fotografias coloridas que encontramos ao longo de sua carreira.

Junto a estas imagens encontramos projetos como *The Little Screens* (1961-1969). A seleção

desta série pertence (exceto uma das fotografias) às Coleções Fundación MAPFRE e inclui elementos que serão recorrentes ao longo de seu trabalho, como a união de objetos singulares que em sua associação geram ironia e humor. Neste caso, utiliza televisores, elementos cotidianos em todas as casas americanas durante esses anos.

Anos setenta e oitenta

Durante os anos setenta, Lee Friedlander foi refinando gradualmente sua linguagem e reduzindo as justaposições com as que compõe as imagens, reflexos e sombras tão características. Em 1976 o artista publicou o livro *The American Monument*, com imagens de monumentos mais ou menos desconhecidos em diferentes cidades americanas. Estas imagens se vinculam à fotografia documental como nenhuma outra de suas séries, embora nelas o artista, como de costume, quebra as regras convencionais do meio. A subversão também pode ser observada em seus nus e autorretratos. No primeiro, não existe uma idealização própria da tradição gráfica; os corpos poderiam ser qualquer outro objeto e o mesmo se aplica a seus autorretratos, nos quais não há desejo de narcisismo ou introspecção psicológica, já que o artista se apresenta como apenas mais um motivo no decorrer da vida cotidiana.

Os retratos de família têm uma visão um pouco diferente.



Maria, Las Vegas, Nevada, 1970
Prata em gelatina
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery, San Francisco

evitar sua própria sombra e eu sempre achei que é uma criatura engraçada, então a deixei entrar por um tempo [...]. No início, minha própria presença nas fotos foi ao mesmo tempo fascinante e perturbadora. Mas com o passar do tempo e ao começar a explorar outras ideias em minhas fotos, foi capaz de rir um pouco desses sentimentos».

Anos noventa

Em 1990, Lee Friedlander trocou sua câmara de 35mm por uma de formato médio para poder capturar a imensidão do deserto de Sonora. O artista cresceu nas montanhas, no Oeste, e embora seja mais conhecido por suas imagens de paisagens urbanas, grande parte de sua produção se concentra na natureza e suas formas, bem como na paisagem agreste. Há vários projetos de Friedlander que têm o mundo orgânico como seu protagonista. Alguns deles foram desenvolvidos durante anos, enquanto outros se materializaram em um curto espaço de tempo. Em 1981 realizou *Flowers & Trees* e, três anos depois, *Cherry Blossom Time in Japan*, no qual reúne

Kyoto, Japão, 1981
Prata em gelatina
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery, San Francisco

São imagens de família que aparentemente poderiam ter sido tiradas por qualquer um de nós, mas mostram o maior carinho e respeito sem levar ao sentimentalismo. *Maria, Las Vegas, Nevada, 1970*, é uma das

imagens mais famosas de sua esposa. O afeto que ele sente por ela é evidente, o que não impede que os reflexos ou a sombra do artista apareçam. Como o próprio Friedlander assinala: «Os fotógrafos sempre lutam para



«Os fotógrafos sempre lutam para evitar sua própria sombra e eu sempre achei que é uma criatura engraçada, então a deixei entrar por um tempo [...]», Lee Friedlander



Montana, 2008
Prata em gelatina
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery, San Francisco

imagens de suas viagens a este país com as flores de cerejeira na primavera.

A partir deste período há também diferentes trabalhos que realiza por pedidos *Factor Valleys*, 1982 ou a série de teleoperadores de Omaha, — *Omaha, Nebraska*, 1995—. O primeiro, que documenta a área industrial do vale do rio Ohio, concentra-se em destacar os rostos dos personagens no momento de seu trabalho, e não na própria paisagem. O mesmo acontece com o segundo, no qual parece que os trabalhadores se

tornaram «cabeças falantes», devido ao tamanho natural das fotografias, bem como a proximidade que mantêm com o fotógrafo e, ao mesmo tempo, com o espectador.

Década de 2000

Desde 2000, quando Friedlander utiliza de forma habitual sua nova câmara, os motivos que capta se tornaram mais substanciais e os espaços mais acessíveis, graças ao formato quadrado da Hasselblad.

As imagens que fazem parte do livro *America by Car*, publicado em 2010, acentuam

esta nova dimensão do espaço. Nesta ocasião, o artista usa o interior do carro como moldura fotográfica para enquadrar suas paisagens de um ponto de vista que é familiar a qualquer pessoa que tenha viajado por estrada. O resultado são imagens que incluem sombras, volantes, painéis ou espelhos entre os quais pontes, monumentos, igrejas, motéis ou bares são colocados, levando a complexidade das composições ao extremo, usando uma técnica que na verdade é muito simples: a moldura, do para-brisas ou da porta, dentro da moldura da câmara de fotos.

Ao longo de sua carreira, Lee Friedlander retomou repetidamente os temas de suas fotografias, em um contínuo *work in progress* que é enriquecendo pelo aprendizado sobre o meio e a experiência, pois como assinala Carlos Gollonet, curador da exposição: «Friedlander gosta de procurar metáforas visuais que exijam um olhar cuidadoso. Para isso, incorpora um repertório banal, criando argumentos visuais confusos que sacodem o espectador com um sentido da ironia derivado da justaposição de objetos ou ideias aparentemente sem ligação. Suas engenhosas associações nos deixam desconcertados ao ligar o disparate com a identificação. ✕»

ESCOLHA DO CURADOR

CARLOS GOLLONET*

Esta é uma de minhas imagens preferidas de Lee Friedlander. Tenho certeza que é também de muitas outras pessoas; é simples e complexa ao mesmo tempo. Não há nada de especial na fotografia e ainda assim é perfeita, um milagre de desenho. Essa proliferação de elementos se cristaliza em um complicado quebra-cabeça que se encaixa perfeitamente. Se eliminamos o cão, o semáforo ou o hidrante..., a foto perde equilíbrio. Friedlander não precisa recorrer ao conhecido «instante decisivo», que traz a visão de Cartier Bresson, à natureza fugaz do evento fotográfico que deu um resultado tão maravilhoso para Helen Levitt ou seu amigo Garry Winogrand. Se com eles temos a sensação de que tudo acontece num piscar de olhos o que estamos vendo já será algo mais, que não será repetido em sua forma atual, quando Friedlander tira a fotografia *Albuquerque, Novo México* em 1972, imaginamos que um segundo depois tudo permanecerá igual, mas que tudo mudaria se algum dos elementos da fotografia desaparecesse. A magia não está no «instante decisivo», mas no «enquadramento preciso», em como o mundo que se estende antes que a câmara se torne uma fotografia. A novidade não está



apenas na forma como o mundo é descrito, mas nos temas escolhidos para fazê-lo, que já não mais se submetem à tradição dos conceitos de beleza e harmonia, mas em dar sentido formal à desordem da paisagem, às vezes desolada, cheia de elementos agressivos como linhas elétricas, sinais de trânsito ou outdoors.

A imagem é criada em uma confluência de pequenas decisões quase instantâneas com as quais o fotógrafo delimita o resultado final. O quadro destaca os elementos escolhidos por ele dos muitos quadros potenciais que tem diante de si e elimina outros que ficam

nas margens; faz com que eles ganhem vida, criando uma nova relação entre eles e tornando cada elemento tão significativo como qualquer outro, sem qualquer hierarquia. Tudo é familiar, é um ambiente comum, mas a fotografia não é, esta aparente arbitrariedade é organizada dentro do quadro como um registro mágico de um lugar comum. Mais do que enfatizar cada elemento, podemos ver também a imagem como uma composição abstrata na qual é inútil procurar um significado, basta apreciá-la. O resultado é um Friedlander, um mundo onde elementos reais com reflexos e sombras coexistem no

Albuquerque, Novo México, 1972
Prata em gelatina
Cortesia do artista e Fraenkel Gallery,
San Francisco

mesmo espaço, e onde sua enorme capacidade de descobrir que algo impreciso, que de forma inesperada e repentina será interessante para entender o mundo. ⊗

* Carlos Gollonet (Granada, 1962), licenciado em História da Arte pela Universidade de Granada, é conservador chefe de fotografia da Fundación MAPFRE.



A jornada fotográfica de Paul Strand

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE IMAGENS: © APERTURE FOUNDATION INC., PAUL STRAND ARCHIVE

De 9 de outubro de 2020 a 24 de janeiro de 2021, a exposição de Paul Strand poderá ser visitada em nosso centro de fotografia em Barcelona, dentro das Coleções Fundación MAPFRE.

Paul Strand nasceu em Nova York em 1890 e logo ingressou na Ethical Culture School sob a supervisão do fotógrafo social Lewis Hine (1874-1940). Posteriormente, por volta de 1915, tornou-se amigo íntimo de Alfred Stieglitz (1864-1946), também fotógrafo e pioneiro na introdução da arte mais inovadora na cidade. Depois de absorver essas influências, o artista explorou o potencial dessa disciplina como um instrumento de superação da visão humana por meio de retratos íntimos e detalhados e da captura de nuances em formas mecânicas e naturais. Em 1920, juntamente com Charles Sheeler (1883-1965), fez um dos filmes pioneiros na linguagem cinematográfica da vanguarda, *Manhatta*, seguindo o poema de Walt Whitman, *Mannahata*, em que o fascínio e o ritmo frenético da cidade de Nova York são narrados ao longo de um dia. A partir deste momento, começou a aliar o seu trabalho de fotógrafo à sua dedicação ao cinema e, mais tarde, à produção de livros, o que se tornará parte fundamental da sua obra.

Em 1930 começou a viajar pelos Estados Unidos, Canadá e México e desenvolveu projetos voltados para comunidades específicas, estudos de povos através de sua gente e dos elementos culturais que os identificam. Strand era um artista politicamente comprometido, o que também o conduziu pelo caminho da fotografia

documental. Em meados da década de 1950, deixou os Estados Unidos e mudou-se para Orgeval, na França, local de onde não saiu até seu falecimento, em 1976.

Em pouco tempo, Paul Strand deixou de ser um fotógrafo de caráter pictorialista – uma tendência da fotografia que tenta emular a pintura em seus tratamentos formais – para captar motivos de maneira direta. A partir de 1915, seus interesses começaram a ser voltados para a cidade e o movimento, bem como nos objetos cotidianos que fotografava com uma abertura pequena em sua câmera. Esse jeito de encarar o seu entorno, que transformou boa parte das cenas de suas composições em abstrações, o levou a fazer um tipo de arte a frente de seu tempo e que o tornou um dos pais do que hoje conhecemos como *straight photography* ou fotografia direta.

Entre 2011 e 2015, a Fundación MAPFRE adquiriu um conjunto de 131 imagens do artista, que passaram a fazer parte de seu acervo. A exposição *Paul Strand en las Colecciones Fundación MAPFRE* está formada por una selección de ciento diez de esas obras. Se trata de la primera muestra de Nossas Coleções estreia em Barcelona e acompanha também a grande retrospectiva do fotógrafo alemão naturalizado britânico Bill Brandt. Ambas poderão ser vistas nas salas do novo Centro Fotográfico KBr Fundación MAPFRE de Barcelona até janeiro de 2021.

O percurso expositivo em torno da obra de Paul Strand divide-se em quatro seções formadas a partir do modo de trabalhar do artista, bem como sua forma de compreender o mundo.

Abstraction, Bowls, Twin Lakes, Connecticut
[Abstração, Bowls, Twin Lakes, Connecticut], 1916
Papel de gelatina e prata
Coleções Fundación MAPFRE

Strand brincou com os enquadramentos e as formas geométricas, com a incidência da luz sobre os motivos de forma semelhante aos pintores impressionistas, e chegou a realizar verdadeiros jogos abstratos trabalhando com naturezas mortas, fachadas de casas ou objetos do cotidiano



Geometrias: Reconfigurando o olhar

Um dos elementos com que Strand aprendeu a trabalhar no início de sua carreira foi o movimento dos pedestres na rua. Por insistência de Stieglitz, começou a fotografar viadutos, pontes e prédios altos da cidade. Estas imagens e o seu movimento introduziram em sua obra um traço documental e cotidiano, o que se tornará um dos elementos

característicos da fotografia urbana do século XX.

Em março de 1916, o próprio Stieglitz ofereceu na Galeria 291 uma exposição de Strand com fotografias de natureza pictórica e algumas de épocas recentes. Entre elas estava *Wall Street*, que com o tempo se tornou um ícone de sua produção dedicada à *street photography*, a fotografia de rua. Nesta imagem, o artista combina conteúdo e forma, aspectos muito

Wall Street, New York
[Wall Street, Nova York], 1915
Processo platina/paládio
Coleções Fundación MAPFRE

importantes para ele, como é possível deduzir de suas próprias palavras: «O fotógrafo documental aponta a sua câmera para o mundo real para registrar a sua autenticidade. Ao mesmo tempo, deve encontrar uma maneira de conceber vários modos de



Tir a'Mhurain, Isle of South Uist, Outer Hebrides
 [Tir a'Mhurain, Ilha de South Uist, Hébridias
 Ocidentais,], 1954
 Papel de gelatina e prata
 Coleções Fundación MAPFRE

organizar e usar o material de maneira eficiente».

Com essa nova forma de trabalhar, Strand introduziu em suas imagens os ensinamentos do cubismo. Brincou com os enquadramentos e as formas

geométricas, com a incidência da luz sobre os motivos de forma semelhante aos pintores impressionistas, e chegou a realizar verdadeiros jogos abstratos trabalhando com naturezas mortas, fachadas de casas ou objetos do cotidiano.

Paisagens: da vaporosidade ao pitoresco geométrico

Em meados da década de 1910, o artista passa a fazer parte do

pequeno grupo de criadores de vanguarda e seus temas e sua forma de ver a arte mudam substancialmente. Ele foi seduzido pelo movimento da cidade e seu ritmo vertiginoso, pelos arranha-céus e pelas vistas urbanas; imagens que contrastam com aquelas que, a partir de 1920, indicam seu retorno ao tema da natureza a partir de uma concepção de paisagem derivada da obra de Cézanne.



Blind Woman, New York
[Mulher cega, Nova York], 1916
Papel de gelatina e prata
Coleções Fundación MAPFRE

Retratos: do olhar furtivo à diversidade cultural

Em Nova York, no outono de 1916, Paul Strand mergulhou nas ruas do Lower East Side de Manhattan para fazer retratos de figuras anônimas que não sabiam que estavam sendo fotografadas. Ele apontava sua câmera para um objetivo falso, o que o forçava a se mover rapidamente por medo de ser descoberto, um novo modo de fotografar e sem precedentes até hoje. A maioria deles eram trabalhadores idosos de diferentes grupos étnicos. Ele se concentrava nas cabeças e nas expressões faciais, como podemos ver na icônica *Cega* e *Homem-anúncio*, ambos deste mesmo ano.

Depois de algumas viagens de verão ao Colorado, Maine e Canadá, nas quais reuniu um número considerável de obras, Paul Strand se estabeleceu no México em 1932, onde permaneceu por certo tempo. No início, concentrou-se principalmente na atividade cinematográfica, mas em 1933 viajou por diversas áreas rurais do país para fazer um conjunto de fotografias em que predominavam os retratos e nas quais surgiram, pela primeira vez, objetos da cultura popular; os chamados «bultos», figuras religiosas esculpidas e pintadas das igrejas mexicanas. Strand combinou nessas imagens sua necessidade de encontrar uma relação espiritual

A natureza, o mundo rural e a cultura popular foram alguns dos protagonistas dos livros de fotografia que publicou a partir de 1950, após sua estada no México entre 1932 e 1934. Essa presença cada vez mais pronunciada da natureza se refletiu também em sua vida pessoal. Em 1955, abandonou

as grandes cidades e se instalou em Orgeval, um pequeno povoado com menos de 2.000 habitantes na região de Ile-de-France, onde combinou as viagens com o cuidado de seu jardim, que durante anos fotografou o que seria um dos seus últimos projetos fotográficos.

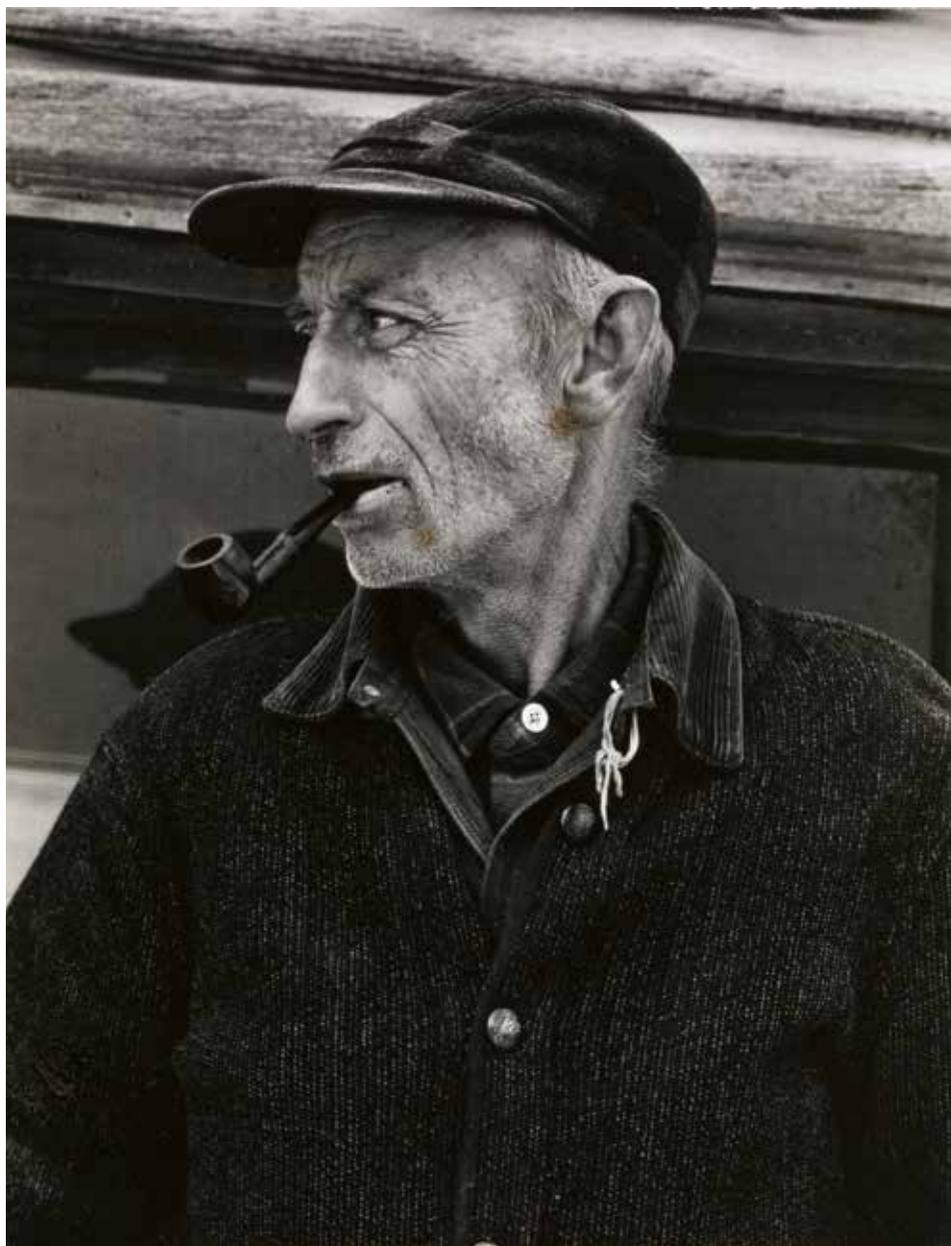
«Eu me vejo principalmente como um explorador que passou sua vida em uma longa viagem de descoberta», Paul Strand

Mr. Bennett, West River Valley, Vermont
[O Sr. Bennett, West River Valley, Vermont], 1944
Papel de gelatina e prata
Coleções Fundación MAPFRE

entre essas pessoas e sua terra. O portfólio *Photographs of Mexico*, publicado em 1940, surpreende pela individualidade dos retratados, fruto de profunda habilidade técnica e de um grande cuidado e respeito pelos modelos.

Países: Cartografias emocionais. Os livros como projeto

Em 1945, a curadora Nancy Newhall organizou uma retrospectiva com as fotografias de Strand no Museu de Arte Moderna de Nova York, o que lhe deu a oportunidade de revisar as obras que havia feito até então. Elas causaram tanta admiração que Newhall sugeriu que Strand fizesse um projeto sobre a Nova Inglaterra. Ele viajou pela região por seis semanas e o resultado foi seu primeiro livro de fotografia, *Time in New England*, publicado em 1950. Dois anos depois foi publicado *La France de profil*, pela editora suíça Guilde du Livre. Esteticamente, muitos dos artistas que colaboraram com esta prestigiosa editora estavam altamente comprometidos com a fotografia humanista e seu papel na reconstrução de uma Europa devastada após a Segunda Guerra Mundial. Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, o humanismo se tornou um tema central e a consciência em torno da diversidade



cultural começou a crescer. Paralelamente, o início da Guerra Fria levou à perseguição de muitos intelectuais considerados parte da «intelectualidade» comunista. O compromisso político de Paul Strand com a esquerda o levou ao exílio na França com Hazel Kingsbury, que se tornaria sua terceira esposa. Seu casamento

trouxe uma vida mais tranquila, o que, no entanto, não o impediu de continuar viajando pela França e outros países nos anos seguintes. Em 1976, pouco antes de sua morte, o artista declarou: «Eu me vejo principalmente como um explorador que passou sua vida em uma longa viagem de descoberta». ❖



O ocultamento na obra fotográfica de Bill Brandt

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE IMAGENS: © BILL BRANDT / BILL BRANDT ARCHIVE LTD

O novo Centro de Fotografia KBr Fundación MAPFRE de Barcelona abre suas portas com a primeira retrospectiva realizada na Espanha sobre Bill Brandt (Hamburgo, 1904-Londres, 1983). Um artista talvez menos conhecido do que outros de seus contemporâneos como, por exemplo, Henri Cartier-Bresson ou Walker Evans, mas que atualmente é considerado um dos fotógrafos britânicos mais influentes do século XX.

Suas imagens, que exploram a sociedade, a paisagem e a literatura inglesas são essenciais para entender a história da fotografia e até a vida britânica em meados do século XX. Bill Brandt se encontra, portanto, entre os visionários que baseiam o potencial criativo do meio na contemplação do mundo que os rodeia. Existem dois aspectos que permeiam toda a sua obra. Por um lado, a eliminação de toda e qualquer referência às suas raízes alemãs após se estabelecer em Londres em 1934; uma ocultação devido à crescente animosidade contra os alemães que se seguiu à ascensão do nazismo. Por outro lado, a condição do «sinistro», termo usado por Sigmund Freud em 1919 e com o qual Brandt estava mais do que familiarizado depois de passar por sessões de psicanálise durante sua juventude em Viena.

Partindo dessas ideias, a exposição percorre, através de 186 fotografias do próprio Bill Brandt, os principais âmbitos de sua produção visual, que engloba todos os gêneros da disciplina fotográfica: reportagem social, retratos, nus artísticos e paisagens. Da mesma forma, destaca a relação da obra do fotógrafo britânico com as teorias do surrealismo, movimento com o qual

entrou em contato durante sua estada em Paris na década de 1930.

1. Primeiras fotografias

Depois de iniciar sua incursão pela fotografia em Viena, onde fez o famoso retrato do poeta Ezra Pound em 1928, Bill Brandt foi a Paris para trabalhar como assistente, por um curto período de tempo, no estúdio de Man Ray, o que o levou a se misturar com o ambiente surrealista da capital francesa, o que permeará toda a sua obra a partir de então. Esta influência, junto com a de seu admirado Eugène Atget, fotógrafo que documentou a «velha Paris» e para quem a Fundación MAPFRE também dedicou uma exposição em 2011, resultou em imagens onde o inquietante já aparecia: cenas de rua e das noites parisienses são alguns dos motivos mais frequentes das imagens do artista durante este período.

Junto com sua companheira e futura esposa Eva Boros, fez inúmeras viagens às estepes húngaras, à sua cidade natal Hamburgo e à Espanha, onde visitou Madrid e Barcelona, antes de se mudar para Londres em 1934. Foi nesta cidade que Brandt se desfez de suas raízes alemãs, inventando um nascimento britânico e criando um corpus artístico em que o Reino Unido está no centro de sua identidade. Ele começou, então, a retratar um país que, na época, apresentava grandes desigualdades sociais.

Nude, Londres [Desnudo, Londres], 1952
Papel de gelatina e prata
Private collection, Courtesy Bill Brandt Archive and Edwynn Houk Gallery



Parlourmaid and Under-parlourmaid ready to serve dinner
 [Empregada e segunda empregada prontas para servir o jantar], 1936
 Papel de gelatina e prata
 Private collection, Courtesy Bill Brandt Archive and Edwynn Houk Gallery

2. Altos e baixos

Em fevereiro de 1936, dois anos após a sua chegada em Londres, Bill Brandt publicou seu primeiro livro, *The English at Home*. As cenas contidas no livro, apesar de parecerem espontâneas e naturais, foram previamente preparadas. Para esta primeira publicação, Brandt usa um

formato alongado, semelhante ao de um álbum, e adota uma das fórmulas de design mais utilizadas pelas publicações gráficas da Europa Central: a união de opostos em busca de contrastes significativos entre cada par de fotografias. O artista busca a oposição entre duas classes sociais opostas, desenvolvendo

dois discursos narrativos em paralelo, mas sem misturá-los. Assim, encontramos cenas de famílias da classe alta caminhando ou jantando alternadas com as mesmas atividades, mas sendo realizadas por famílias da classe trabalhadora.

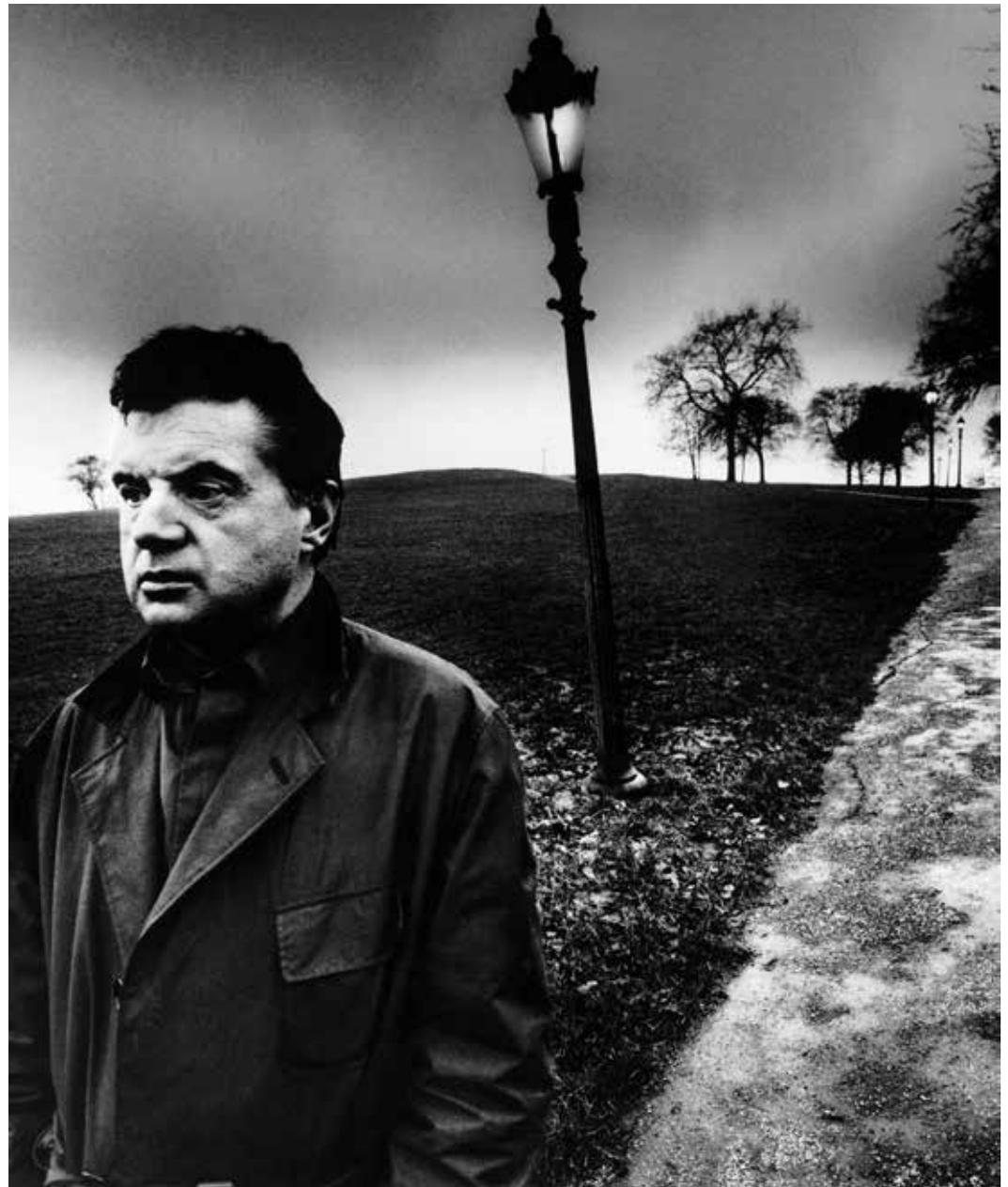
Com o início da Segunda Guerra Mundial, Brandt passou a trabalhar

para o Ministério da Informação e realizou duas de suas séries mais renomadas: por um lado, uma série formada por fotografias de centenários londrinos dormindo em estações de metrô convertidas em abrigos improvisados; e, por outro, as da superfície da cidade, uma Londres fantasmagórica, sem outra iluminação a não ser a da luz

da lua como medida de proteção contra bombardeios. O Reino Unido havia se tornado um só país contra o inimigo. As diferenças de classe que Brandt havia retratado foram deixadas para trás para dar lugar a esse outro tipo de cena que denunciava os estragos e a devastação da guerra sobre a população civil.

3. Retratos

Depois de ter feito vários retratos no início de sua carreira, a partir da década de 1940 – período em que trabalhou para revistas como *Picture Post*, *Liliput* e *Harper's Bazaar* – Bill Brandt aborda este gênero de forma profissional. Alguns deles representaram uma ruptura com a tradição, como



Francis Bacon on Primrose Hill, London
 [Francis Bacon em Primrose Hill,
 Londres], 1963
 Papel de gelatina e prata
 Private collection, Courtesy Bill Brandt
 Archive and Edwynn Houk Gallery



Nude, Baie des Anjos, France
 [Nu, Baía dos Anjos, França], 1959
 Papel de gelatina e prata
 Private collection, Courtesy Bill Brandt Archive and
 Edwynn Houk Gallery

pintura e na tradição fotográfica quanto na literatura. A maior parte de suas fotografias deste gênero estão reunidas em *Literary Britain*, 1951, uma publicação composta por mais de cem imagens inspiradas em autores clássicos ingleses como Jane Austen, Charles Dickens e Anthony Trollope, acompanhadas por trechos de textos literários destes mesmos escritores. Nestas imagens, o fotógrafo procurou introduzir uma atmosfera que desafiasse o espectador e suscitasse uma resposta emocional com uma clara intenção pós-romântica. Nesse sentido, daria a sensação de que Brandt não quer simplesmente representar um lugar, mas captar seu espírito em uma só imagem.

5. Nus artísticos

Quando Bill Brandt voltou a realizar nus artísticos em 1944, após uma incursão insatisfatória antes da guerra, ele parecia sentir a necessidade de retornar a um tipo de imagem mais poética. É preciso lembrar que este gênero é um dos temas clássicos da pintura e, como tal, marca a evolução de Brandt desde o documentarismo até a consideração social de «artista». Nessa evolução, ele utilizou uma antiga câmera com uma lente ‘wide angle’ que produzia uma sensação de grande espacialidade e profundidade a fim de transformar

os retratos publicados pela já mencionada *Lilliput* em 1941, ilustrando o artigo «Young Poets of Democracy», que incluía alguns dos rostos mais representativos dos escritores e poetas da Geração Auden. Mais tarde, Brandt começou a distorcer o espaço, como pode ser visto no retrato de *Francis Bacon em Primrose*, Londres (1963), e criou uma nova série de retratos de olhos de artistas, com uma clara inspiração surrealista: os olhos de Henry Moore, Georges Braque e Antoni Tàpies, apenas

para citar alguns dos olhares que transformaram a forma de ver e representar o mundo.

4. Paisagens descritas

Após mergulhar nos retratos – que nunca deixou de realizar – Bill Brandt introduziu as paisagens em seu repertório. Assim, completou a temática clássica do que convencionalmente são considerados gêneros artísticos tradicionais.

Para o artista, a concepção da paisagem está arraigada tanto na

Top Withens, West Riding, Yorkshire, 1945
 Papel de gelatina e prata
 Private collection, Courtesy Bill Brandt Archive and
 Edwynn Houk Gallery

o espaço cotidiano de um quarto em um entorno onírico.

Na década de 1950, Brandt visita as praias do Canal da Mancha para fazer uma série de retratos do pintor Georges Braque. A visão das praias pedregosas o fez mudar de direção e começar a fotografar pedras e partes do corpo feminino como se tratasse dessas mesmas pedras. Ele uniu carne e rocha, calor e frio, dureza e morbidez em um mesmo discurso formal. Muitas vezes as distorções são tais que os fragmentos do corpo perdem toda a referência e, ainda assim, geram sensações mais poéticas e mais profundas. Esses «fragmentos» do corpo em comparação ou em comunhão com as formas da natureza parecem encarnar formas primordiais pelas quais se pode perceber “a totalidade do mundo”, como acontece com as *urformen* enunciadas pela Escola Gestalt e sua teoria da percepção.

6. Elogio da imperfeição

Na introdução de *Camera in London*, seu livro sobre a capital britânica publicado em 1948, Bill Brandt ressaltou: «Considero essencial que o fotógrafo faça suas próprias cópias e ampliações. O efeito final da imagem depende em grande parte dessas operações,



e somente o fotógrafo sabe o que pretende no final». Para o artista, o trabalho em laboratório era fundamental e, no início da carreira, aprendeu toda uma gama de técnicas artesanais: do aumento à ampliação, o uso de pincéis, raspadores ou outras ferramentas. Esses retoques manuais às vezes conferiam às suas fotografias aquele aspecto um tanto grosseiro, que pode ser associado ao já citado conceito freudiano de *unheimlich*: «o sinistro». Em muitas delas, as

pinceladas de aquarela preta na superfície podem ser apreciadas em detalhes. Outro exemplo que pode ser mencionado é *Top Withens, West Riding, Yorkshire* (1945), realizada como parte de seu livro *Literary Britain*, onde há claros indícios de que o céu tempestuoso, que dá um aspecto mais ameaçador à paisagem, foi adicionado posteriormente em laboratório, o que afeta aquele aspecto de ocultação que permeia toda a vida e obra de Bill Brandt. ⊗





Uma viagem à esperança

TEXTO: JUAN FRYBORT IMAGENS: DAVID CAMPOS

No dia 14 de outubro, o Hall Social abriu suas portas na Torre MAPFRE de Barcelona, um espaço para exposições único, que visa dar voz aos projetos sociais mais singulares com os quais a Fundación MAPFRE colabora. Nesta primeira ocasião, saímos às ruas das Filipinas para conhecer a dura realidade em que vivem muitas crianças e compartilhar as histórias de esperança que a Fundação Kalipay nos oferece.

A primeira de nossas exposições sociais, estreada no dia 14 de outubro, dá voz à Fundação Kalipay, uma organização com a qual a Fundación MAPFRE colabora desde 2015 e que, desde 2007, oferece refúgio às crianças da ilha de Negros, uma das áreas com o maior índice de pobreza infantil nas Filipinas, um país que por si só já é assolado pela miséria.

A República das Filipinas sofre de uma alta taxa de exploração do trabalho infantil. Muitos menores de idade são abandonados nas ruas, têm problemas nutricionais, graves deficiências educacionais ou sofrem violência sexual. De acordo com a UNICEF, das 1,6 milhões de crianças que vivem nas ruas, 600.000 mil são forçadas se prostituírem e cerca de 28 são presas diariamente por algum crime. 60% dos casos de violência sexual ocorrem dentro de casa.

Neste contexto, a Fundação Kalipay se tornou um lugar onde essas crianças tentam se recuperar das feridas da miséria e da vida nas ruas, onde finalmente podem se sentir protegidas. Seu programa de resgate não trata apenas de acolher os menores de idade, mas também de atender às suas necessidades materiais até a idade adulta e educá-los até a universidade. Trata-se também de oferecer-lhes uma casa onde possam curar as cicatrizes emocionais do abuso e da pobreza. O trabalho da Kalipay baseia-se em quatro grandes princípios: «Nenhuma criança deve estar na rua, nenhuma criança deve passar fome, nenhuma criança deve ter

o direito a educação negado e nenhuma criança deve ser submetida à violência».

Da rua para um lar

A exposição foi pensada para que o visitante sinta e perceba a dureza da vida nas ruas, intua os sentimentos de abandono, medo e impotência que as crianças sofrem, e seja confortado pela segurança que alivia esses menores ao chegarem na Kalipay, onde passam a viver em um verdadeiro lar, recebendo cuidados e carinho. À medida que o visitante avança na exposição, ele se emociona com as histórias de esperança de Ginno, Bubbles, Anna e Joey e muitas outras crianças e jovens que hoje têm um lar para crescer, se desenvolver e sonhar com seu futuro.

A exposição está dividida em duas áreas distintas. Na primeira seção, o visitante percorre as ruas de uma vila ou cidade das Filipinas. Por meio de fotografias que mostram a realidade de milhares de crianças, percebem-se os maus-tratos, a exploração, os abusos e a violência sofridos por esses menores, abandonados na solidão infinita, que se refletem na escultura hiper-realista de uma criança dormindo na intempérie.

Na segunda parte da exposição, se chega ao refúgio Kalipay. Nesta seção, em que foi reproduzida uma sala de aula, o visitante pode sentar-se nas carteiras, entrar em casa, sentir-se em casa, assim como se sentem as crianças que a Fundação acolhe. Um documentário audiovisual mostra a história da Fundação e um conjunto de peças



fotográficas faz uma narração visual das histórias de seus protagonistas.

Os desenhos das crianças, as verdadeiras protagonistas, pendem do teto, um telhado de duas águas que recria o calor do lar que a Kalipay é para elas. Livros, brinquedos e outros objetos ajudam a recriar a sensação de segurança e tranquilidade das crianças que vivem neste refúgio.

Ginno, Bubbles, Anna e Joey

A exposição também nos apresenta alguns dos

personagens principais da Kalipay, que nos contam sobre suas experiências reais, seus planos futuros e seus sonhos.

Ginno e Bubbles, agora casados, com um filho recém-nascido e muitas oportunidades de serem felizes, Anna, que estuda para ajudar a mãe, e Joey, inteligente e autodidata, que estuda antropologia na universidade. Todos eles têm um vínculo comum: todos nasceram em situação de extrema pobreza, em famílias

desestruturadas ou sem possibilidade de cuidado, e sem futuro. A chegada na Kalipay mudou suas vidas.

Anna Balcels, fundadora e presidente da fundação explica como eles fazem isso.

«Na Kalipay nós lhes damos um teto e comida, mas também algo muito importante, que é muito amor e carinho. Nós lhes asseguramos que ninguém mais lhes machucará, que nós os protegeremos», lembra. As crianças resgatadas também recebem algo muito importante

Os desenhos das crianças, as verdadeiras protagonistas, pendem do teto, um telhado de duas águas que recria o calor do lar que a Kalipay é para elas



e que muitas delas nunca tiveram: educação. «Nós nos certificamos de que todos possam chegar à universidade. Seis já se formaram, e isso é um triunfo», afirma a fundadora da Kalipay com orgulho. Todas as atividades organizadas têm como objetivo ajudar as crianças a experimentar o que é a vida em família e a ter suas necessidades físicas, mentais, emocionais e sociais atendidas.

Esta exposição tem como objetivo divulgar o trabalho desenvolvido pela Fundação

Kalipay, mas também aproximar os visitantes da realidade em que vivem muitas crianças nas Filipinas, emocioná-los, fazê-los pensar e, se possível, fazê-los participar deste projeto. Os painéis na sala exibem os objetivos da Fundação Kalipay e incentivam os visitantes a contribuir, a fazer uma doação para resgatar as crianças da miséria, da violência e do abuso sexual. Porque este hall social quer emocionar, mas também compartilhar a missão de melhorar este mundo com todos os visitantes. ✕

Informação prática

Endereço:

Hall 2 de Torre MAPFRE,
C/ Marina, 16-18. 08005, Barcelona

Horário:

das 11h às 19h, de segunda a sexta-feira.





**Karla Hoyos, chef executiva do restaurante
The Bazaar by José Andrés, em Miami,
e colaboradora do projeto solidário
Word Center Kitchen**

**«Uma situação como essa traz à
tona o melhor e o pior das pessoas»**

TEXTO: ISABEL PRESTEL IMAGENS CEDIDAS POR: KARLA HOYOS



Karla nasceu em Veracruz há 32 anos e já tem uma enorme experiência como chef de cozinha. Ela morou em vários países ao redor do mundo e ajudou a melhorar a vida de milhares de pessoas em situações especialmente dramáticas, alimentando-as. Tudo isso graças à sua enorme generosidade, à sua paixão imensurável pela cozinha e ao seu imenso sentido de solidariedade.

O chef asturiano José Andrés, dono do grupo ThinkFoodGroup, que conta com mais de 30 restaurantes, e uma das 100 pessoas mais influentes do mundo de acordo com a revista *Time* em 2012 e 2018, se deu conta disso quando a conheceu em Porto Rico, em meio ao desastre causado pelo furacão *María*. Foi em 2017. Três anos depois, Karla se tornou uma parte essencial da equipe deste asturiano tanto nas cozinhas de seu restaurante The Bazaar, como de sua ONG, a World Central Kitchen, que funciona desde 2010 e com a qual Karla esteve em Madrid entre março e junho deste ano, alimentando milhares de pessoas todos os dias. Nestas páginas ela nos conta sobre sua experiência.

No que consistiu o seu trabalho para a WCK durante a pandemia na Espanha?

Minha experiência em Madrid foi única. Eu nunca havia cozinhado para tantas pessoas durante uma pandemia. Minha responsabilidade era montar uma cozinha onde pudessem ser produzidas o maior número possível de refeições diárias para distribuir às pessoas necessitadas, e também assessorar outras cozinhas e chefs na Espanha.

Um dos desafios foi que você não só alimentava essas pessoas, mas também sabia que muitas vezes essa seria a única refeição do dia... uma responsabilidade total!

De fato. Para a WCK é muito importante que a comida oferecida não só seja gostosa, mas também tenha os nutrientes necessários para que uma pessoa que come só isso durante o dia possa suportar. Nossas marmitas normalmente pesam 600gr e são compostas 40% de proteína, 30% de carboidratos e 30% de vegetais.

Você chegou a entregar 13.000 refeições por dia. Como se faz isso? Digo logisticamente...

Começamos entregando 950 refeições por dia e, em poucas semanas, aumentamos a quantidade para 13.000. O segredo foi criar sistemas em termos de produção e montagem para sermos mais eficientes. Por exemplo, na cozinha éramos divididos em praças: se estávamos na praça das proteínas, nos dividíamos entre forno e fogão; havia também a praça dos carboidratos e dos vegetais. Outra equipe se encarregava apenas de embalar a comida; outra de armazenar e contar; e outra empacotava e despachava as refeições para entrega.

Me conte o que te levou a aceitar a proposta de José Andrés tão rapidamente (em menos de uma hora, eu acho)...

Participar de uma missão da WCK não é apenas algo que me encanta, é quase viciante. Sim, ajudar é

viciante. Além disso, eu já sabia como o José Andrés trabalhava para a WCK, devido à minha experiência em Porto Rico (onde chegamos a servir 75.000 refeições por dia), nas Bahamas e na Flórida, e o convite veio logo no início da pandemia, então não demorei muito para entender que era o certo ir ajudar a Espanha. A decisão foi imediata, o tempo que gastei foi mais para alertar e tranquilizar a minha mãe sobre embarcar em um voo transatlântico em meio a uma pandemia.

Você já conhecia a Espanha (trabalhou lá com o Martín Berasategui no início da carreira), mas desta vez viu uma Espanha muito diferente.

Eu morei na Espanha por alguns anos quando comecei a minha carreira na gastronomia. Na verdade, trabalhei com o Berasategui por um ano. E é claro que foi um choque chegar e ver Madrid tão mal. Não dá para imaginar Madrid como um lugar onde há necessidade, e ver as filas e filas de gente para conseguir um prato de comida me chocou muito.

Por outro lado, li que as pessoas ficaram muito gratas. Esse agradecimento todo compensa o super esforço que você fez?

Quando você faz isso, o que te motiva a acordar todos os dias mesmo quando está cansada e exausta é a emoção de ajudar, de apoiar. Mas quando você vê a gratidão, a felicidade de quem vai poder alimentar seus filhos... isso não tem preço. E, ao mesmo tempo, isso te dá um maior senso



de responsabilidade para continuar ajudando. Eles contam conosco para lhes dar aquela refeição, por isso trabalhamos sem parar.

Me conte algo que te emocionou especialmente durante esta experiência...

Eu sempre disse que treze mil refeições por dia nunca teriam sido possíveis sem a ajuda dos voluntários que estiveram lá cozinhando, esfregando, levantando caixas, empacotando, limpando... E isso me emociona demais, a sinergia que se cria com um grupo de pessoas de diferentes ideologias, níveis socioeconômicos, crenças políticas, etc. Todos estão ali apenas com a missão de fazer as refeições, de ajudar. Acredito que uma situação como essa sempre traz à tona o melhor ou o pior das pessoas, e eu tive o prazer de ver o melhor de todos os voluntários que nos apoiaram. A melhor parte da Espanha é o seu povo e sei que juntos sairão desta terrível situação.

Além disso, você trabalhou ao lado de importantes chefs espanhóis, como Diego Guerrero. Isso também deve ter sido algo interessante.

Interessante, não; emocionante, sim. Trabalhar com chefs que sempre admirei (Diego Guerrero, Pepa Muñoz) e aprender que eles não são apenas excelentes cozinheiros, mas também excelentes pessoas, que têm uma enorme humildade, que mesmo podendo ficar em casa foram ajudar e cozinhar todos os dias para ajudar a reerguer o seu país. Sim, foi uma experiência incrível trabalhar com todos eles.

Por outro lado, como você já mencionou, não é a primeira vez que você colabora com José Andrés na WCK. Você esteve nas Bahamas e em Porto Rico. Como foram essas experiências?

Cada experiência com a WCK é diferente da anterior. Por exemplo, em Porto Rico havia muita destruição, as pessoas estavam sem eletricidade e sem água durante

meses. Havia famílias sem-teto com suas casas destruídas... Lá, nosso trabalho era produzir e entregar comida quente e água. Como eu comentei antes, conseguimos produzir 75.000 refeições por dia. É a maior operação que a WCK já fez.

Nas Bahamas também produzíamos refeições, mas como há tantas ilhas, o Chef José Andrés voava de helicóptero de Nassau (base das operações) para as ilhas onde as marmitas eram entregues (Freeport, Abaco). Como não dava para voar à noite, tínhamos que começar a cozinhar às quatro da manhã para podermos ter a comida pronta e aproveitar todo o tempo durante o dia.

Foi em uma dessas vezes que você conheceu o José Andrés, e isso mudou de verdade a sua vida...

Eu o conheci em Porto Rico, sim. O chef José Andrés pediu ao CEO da empresa para a qual eu trabalhava e administrava cozinhas industriais, alguns chefs que ajudassem a montar cozinhas que produziram grandes quantidades de comida. E eles me mandaram para essa tarefa. Eu fui como voluntária por uma semana, mas essa semana se transformou em um mês e meio. Depois decidi que queria trabalhar com o Chef José Andrés. Nunca me arrependi dessa decisão.

Agora me fale sobre você. Você é muito jovem e já comanda a cozinha de um grande restaurante. Como você conseguiu chegar nessa posição tão cedo?

Às vezes até eu fico pensando (risos). A verdade é que sempre fui muito disciplinada em tudo

que faço. Eu simplesmente amo cozinhar, seja para uma pandemia ou para um jantar, fui abençoada por ter podido explorar várias áreas da cozinha, viajar e trabalhar em diferentes países, sempre fui muito curiosa, e acho que é bom ser curioso porque assim se aprende muito.

Quando menina você já gostava de cozinhar...

Sempre soube que queria ser chef. Eu era aquela garota esquisita que pedia livros de receitas e temperos no Natal, em vez de brinquedos ou roupas, como a minha irmã fazia. Eu fiz meus primeiros biscoitos quando tinha 10 anos e eles ficaram tão feios que meu pai e meu irmão jogaram Frisbee com eles... Isso me deixou muito triste (risos). Aos poucos fui aprimorando minhas técnicas e aos 14 anos já vendia sobremesas para restaurantes locais, a ponto que tive que parar porque estava indo muito bem, mas meus pais queriam que eu me concentrasse nos estudos. Quando comecei a graduação, me apaixonei pelos pratos salgados e, até hoje, sou apaixonada pela gastronomia. Não é que cozinhar me atraia, é que me enche, me emociona. Criar algo e dar felicidade a alguém com esse algo é a coisa mais linda que existe.

O que há na gastronomia que se relaciona com a solidariedade?

Acredito que as duas andam de mãos dadas, não só em uma situação de pandemia, mas na gastronomia como um todo. Em uma cozinha você sempre trabalha em equipe e sempre uns

cuidam dos outros, se ajudam e se protegem. Temos uma profissão de serviço, gostamos de dar felicidade com o que fazemos, seja através de um jantar de 300 reais o prato ou nada.

Imagino que a solidariedade sempre te interessou...

Cresci em uma família onde sempre fomos ensinados a ajudar os necessitados. Desde pequenos,



meus pais nos levavam para dar brinquedos às crianças carentes no Natal. Também ajudamos quando o furacão *Karl* passou por Veracruz. Pedi ao meu pai que arranjasse dois fogões para eu começar a cozinhar para as vítimas, que moravam em um pátio. Comecei a cozinhar todos os dias para eles. Também fui presidenta de uma associação que apoiava imigrantes em Indiana. Sempre que tenho a oportunidade, vou ajudar outras

pessoas, é algo que também me apaixona.

O que isso te traz a nível pessoal?

Perceber a necessidade que existe, as carências com que muitas pessoas vivem, coloca teus pés no chão e faz você dar valor a muitas coisas que você normalmente dá como certas. O fato de você ter uma geladeira cheia, água potável,

roupa, coisas básicas que a gente vê como «normais», quando tem gente que não tem ideia de quando vai chegar o próximo prato de comida ou se irão passar fome... te ensina a ser mais humilde e grato com tudo que você tem.

Você está disponível para mais projetos com o José Andrés?

Estou sempre disponível para qualquer necessidade com a WCK e o Chef José Andrés. ✕

A SEGURO



BALOISE

Fantasia e mitologia nas placas de seguros

TEXTO: ANA SOJO, Departamento de Publicações, e ROCÍO HERRERO, Área de Cultura
 IMAGENS: MUSEU DO SEGURO

Todas as pessoas que alguma vez já foram à Europa com certeza se depararam com uma placa escrita *Asegurada de Incendios* enquanto caminhavam pelas velhas ruas das cidades. Estas inscrições gravadas em pedra ou em forma de placa formam, sem dúvida, parte do património arquitetónico das cidades europeias.

Muitas das placas metálicas que eram fixadas nos edifícios segurados eram acompanhadas por uma figura representativa de cada seguradora, dando origem, assim, às primeiras manifestações publicitárias deste setor. As imagens eram expressamente projetadas para transmitir uma mensagem específica: os princípios de resistência, equilíbrio e durabilidade.

A origem destas placas está ligada a um acontecimento trágico: um incêndio em Londres em 1666, que destruiu dois terços da cidade, incluindo mais de 13.000 casas e alguns edifícios emblemáticos como a Catedral de São Paulo. Após este evento histórico, o seguro contra incêndios surgiu na Inglaterra, e posteriormente se desenvolveu fortemente em toda a Europa.

É muito significativo que, numa primeira fase, as placas possuísem também o número da apólice embaixo do

emblema da empresa, uma vez que identificava os edifícios segurados contra o risco de incêndios por uma determinada sociedade de seguros Mutualistas. Ao contrário do que se possa pensar, naquela época, as ruas não possuíam endereço nem número – foi preciso esperar a chegada dos serviços postais em meados do século XIX para que estes começassem a ser utilizados. Portanto, a identificação dos edifícios segurados era uma questão fundamental e um dos principais problemas que essas empresas tiveram que enfrentar.

Desta forma, as placas foram essenciais nas cidades, pois se tornaram a referência para o corpo de bombeiros – criado pelas sociedades de ajuda mútua contra incêndios – que deste modo conseguiam identificar os imóveis pertencentes a essas sociedades.

Foi assim que estes elementos foram utilizados como expressão

de asseguramento, estendendo-se a outros ramos: agricultura, acidentes de trabalho, automóveis, etc., durante dois séculos e meio, até depois de meados do século XX.

O design e os motivos das placas eram diversos, pois, como comentado no início deste artigo, as imagens deveriam representar conceitos como solidez e perpetuidade. Por isso, figuras mitológicas, alegorias históricas e emblemas heráldicos tornaram-se temas recorrentes.

No campo mitológico, destacaram-se figuras conhecidas e cujas características as convertiam em candidatas ideais para transmitir os valores das empresas. A primeira é a figura de Hércules, símbolo da seguradora *El Hércules Hispano*. Neste caso, o herói romano – filho de Júpiter e da Princesa Alcmena – graças à sua força e astúcia, separou as duas montanhas que bloqueavam a entrada de água para o Mar

Mediterrâneo, criando assim o Estreito de Gibraltar e, portanto, a divisão entre os continentes africano e europeu.

Outra imagem mitológica por excelência nas seguradoras é a fênix, como se vê na placa *Phoenix* na cidade de Londres. Segundo esse mito, o pássaro dominava o poder do fogo, além de possuir força sobrenatural e uma grande resistência física,

fantásticos mais reconhecidos em todas as culturas, é invocado como figura representativa por seu caráter de guardião e por sua capacidade de controlar o fogo como arma de defesa, como podemos apreciar na placa da companhia *Commercial Union*. Embora na tradição cristã o dragão represente o pecado e o mal, em outras culturas, como a germânica e a celta, é um

transmite nenhuma sensação de ameaça, pelo contrário, é a portadora do brasão da cidade: o cajado de três pontas e o pergaminho usados pelos abades cristãos como símbolo da sua condição de superiores de um monastério.

A placa de ferro esmaltada *La Rosario*, segue a tendência do modelo heráldico. Neste caso, a empresa argentina, fundada em 1888, elege como emblema dois leões representados de frente, empunhando o brasão da cidade de Santa Fé e acompanhados pelo lema da empresa: «Prudentes y Unidos».

Formada por capitais exclusivamente locais, La Rosario se dedicou a firmar contratos de cobertura sobre bens de risco com o maior número de apólices da época, os incêndios. Seu lema e sua efigie foram a manifestação mais acertada para representar este grupo que protegia seus comércios, empresas e setores, dentro de um círculo pouco aberto a alianças externas.

Dentro da cultura seguradora, o seguro marítimo tem um papel protagonista pois foi justamente a experiência historicamente acumulada nesta prática que permitiu a transferência dos principais ingredientes desses contratos para o seguro contra incêndios.

O Mediterrâneo, um dos berços do seguro marítimo devido ao comércio desenvolvido entre as cidades-estados italianas e várias cidades espanholas,



por isso se tornou o candidato perfeito para representar o domínio mental e físico. Além disso, seu dom mais apreciado era a ressurreição das cinzas, isso fez dele um símbolo e estandarte da imortalidade.

Como uma das ameaças mais presentes na vida cotidiana, o fogo é um elemento presente na simbologia das seguradoras. Por isso, o dragão, um dos seres

símbolo de soberania, de tal forma que, com o tempo, tornou-se um símbolo heráldico e militar.

Mais do que o dragão envolto em seu próprio fogo, a empresa suíça *Baloise*, fundada em 1863 na cidade suíça de Basel, tomou como símbolo o dragão heráldico ou 'wyvern'. A particularidade do design está na sua esquematização e no uso binário e contrastado da cor. A figura não

especialmente Barcelona, desempenhou um papel importante como epicentro do comércio e do direito comercial e de seguros. Esta atividade de seguros era gerida por pessoas físicas, geralmente comerciantes, que operavam através de ‘Bottomry’.

O ‘Centro de Navieros Aseguradores’ foi fundado em Barcelona em 1879 e escolheu-se o elemento marítimo por excelência como emblema da empresa: a âncora. Na haste,

século XIX, o material preferido era o cobre e, por volta de 1825, começou-se a utilizar o ferro e o estanho. O design, a cor e a composição dos exemplares não passavam despercebidos e chamavam a atenção por sua estética e beleza. Muitas placas espanholas foram feitas na fábrica G. de Andreis, localizada em Badalona. Esta empresa, especializada na fabricação e litografia de objetos metálicos, funcionava já nos primeiros anos do século XX, contava com

Museu do Seguro. Fundación MAPFRE

Localizado em Madrid, na rua Bárbara de Braganza, 14, conta com 600 peças expostas e um total de 1.300 conservadas nos fundos da instituição.

Ademais, todas elas encontram-se disponíveis na versão virtual do museu em www.museovirtualdelseguro.com. Disponemos de visitas guiadas gratuitas para grupos com agendamento prévio através do formulário no nosso site.



duas cobras se entrelaçam como um caduceu de Mercúrio. A referência a esse deus não é acidental, pois Mercúrio é o deus do comércio e, curiosamente, aquele que concedeu o fogo aos homens. A figura das serpentes entrelaçadas representa o equilíbrio das forças da natureza: o bem e o mal; a água e o fogo.

No que diz respeito à produção das placas, eram utilizados materiais diversos, embora as mais antigas fossem feitas de chumbo. No início do

um quadro funcional de 1.300 trabalhadores e foi fundamental para a produção de placas e cartazes publicitários graças ao seu trabalho de cromolitografia. Embora a fábrica tenha fechado suas portas em 1980, o edifício modernista segue conservado (é conhecido como “a lata” ou ‘Llauna’, em catalão) e é testemunho de um patrimônio industrial, imaginativo e artesanal, que evoca as primeiras manifestações da publicidade das companhias de seguros. ✕



O home office coloca a saúde à prova

TEXTO: RAMÓN OLIVER IMAGENS: ISTOCK

O coronavírus tem levado milhares de empresas a recorrer massivamente ao home office a fim de manter suas atividades. Um estudo do Banco da Espanha revela que, por estar atrás de outros países europeus no que diz respeito à implementação desta modalidade de trabalho, quase um terço dos trabalhos foram realizados a partir das casas dos funcionários durante o confinamento na Espanha. Uma mudança repentina que se concentrou na parte operacional e de execução, mas que, em geral, negligenciou um aspecto que é vital para o bem-estar desses trabalhadores à distância: sua saúde.

«O confinamento mostrou que a maior parte das empresas não estão preparadas para implementar o home office de uma forma saudável», afirma Elisa Sánchez, diretora do Idein e especialista em saúde ocupacional. Embora muitas empresas, incluindo a MAPFRE, tenham mitigado os efeitos negativos do home office para a saúde com programas voltados para o cuidado físico, emocional e social de seus empregados, é preocupante que outras ainda não tenham previsto aspectos de bem-estar aos seus trabalhadores se outro ocorrer confinamento.

Doenças mais comuns

O quadro médico clássico do trabalhador à distância inclui problemas como dores nas costas, dores de cabeça e problemas de circulação. Rosa Porcar, diretora

de Inovação do Instituto de Biomecânica de Valência (IBV), alerta que as más posturas, devido à altura inadequada da mesa ou da cadeira de trabalho, são uma das principais armadilhas do home office. A região dorsal, o pescoço e os ombros sofrem as consequências. «As mesas das casas costumam ser mais altas do que as dos escritórios e as cadeiras não têm altura regulável. Isso faz com que nossos cotovelos fiquem abaixo da altura da mesa, então, tendemos a levantar nossos ombros para compensar e alcançar o teclado. Essa postura forçada acaba produzindo dores na região dorsal, ombros e pescoço», explica. O espaço, ou melhor, a falta dele, é outro ponto fraco do «home office». «Porque se o local de trabalho não é grande o suficiente para abrigar a tela, o teclado, o mouse e os demais elementos de que você precisa para

realizar suas tarefas, você acaba virando o pescoço de uma forma não natural», alerta a especialista.

Um mobiliário de trabalho adequado pode ajudar a aliviar muitos desses problemas. A política de «arrume uma cadeira e uma mesa e comece a trabalhar» não é a melhor maneira de lidar com o home office prolongado. Rosa Porcar destaca a importância da escolha de móveis ergonômicos. Embora sem enlouquecer. «Não é necessário gastar 5000 reais, até porque a cadeira que vamos usar em casa não tem as mesmas exigências de durabilidade, versatilidade ou diversidade de usuários que de fato precisam de uma cadeira de escritório».

Em todo caso, esta especialista recomenda que, no mínimo, a cadeira escolhida seja «acolchoada, com altura ajustável e com rodas».



Temperatura, poluição sonora e iluminação são outros pontos importantes a serem considerados no espaço de trabalho. Em relação a este último, Porcar desaconselha trabalhar de frente ou de costas para a janela para «evitar que a luz natural ofusque ou cause reflexos na tela do computador».

Os perigos do sedentarismo

Os meses de confinamento trouxeram excessos em todos os sentidos. De acordo com dados da NordVPN, os dias de home office possuem uma média de duas horas a mais que um dia de trabalho presencial. Algumas distrações acabam cobrando seu preço. «As pessoas não foram feitas para sentar em uma cadeira por 8, 10 ou 12 horas», disse Manuel Armayones, Diretor de Desenvolvimento do eHealth Center da UOC. Este professor alerta para os perigos de um estilo de vida sedentário.

Móveis ergonômicos, fazer pausas ativas e procurar momentos de desconexão digital são algumas das recomendações para que a saúde não seja afetada pelo trabalho remoto.

Um problema que «está na base de doenças cardíacas, respiratórias, obesidade e até distúrbios mentais como a ansiedade e a depressão», afirma.

O simples fato de mudar o escritório para dentro da própria casa supõe uma diminuição na atividade física do trabalhador. «Paramos de caminhar até o metrô, de subir e descer escadas, de ir até a cafeteria da esquina tomar um

café no meio da manhã», conta o professor da UOC. Para compensar esse déficit, Armayones recomenda «fazer pausas contínuas, fazer caminhadas antes e depois do início da jornada de trabalho e, na medida do possível, fazer aqueles 30 minutos de exercícios diários recomendados pela Organização Mundial da Saúde».

Fadiga mental

Embora o home office normalmente não envolva esforço físico, isso não significa que não cause fadiga. «Normalmente um trabalho com computador exige o processamento da informação, a sua interpretação, a sua análise e a sua resposta. Quando isso é feito repetidamente, acaba surgindo o cansaço mental», comenta Elisa Sánchez.

O estresse é a patologia ocupacional por excelência, e os trabalhadores à distância não são alheios a ele. «O estresse é um desequilíbrio produzido pela dupla percepção de um excesso de demanda e exigências laborais, e de um déficit de recursos para enfrentá-lo», resume Sánchez. Um problema que, acrescenta, se agravou durante o confinamento «pelo fato de ter que conciliar o home office com o cuidado da família».

A sensação de isolamento é outro fator que afeta a saúde mental dos trabalhadores à distância. «Existem pessoas que são muito autônomas e que não se importam (e até preferem) de trabalhar sozinhas. Mas existem outras para as quais isso é um problema. Elas não sentem que

trabalham em equipe e têm dificuldade em se organizar, tomar decisões ou manter uma rotina», ressalta Sánchez. Essa psicóloga lembra que, em situações de estresse, o grupo atua como um amortecedor. «Mas esse apoio pode parecer perdido quando estamos trabalhando à distância».

A importância da desconexão

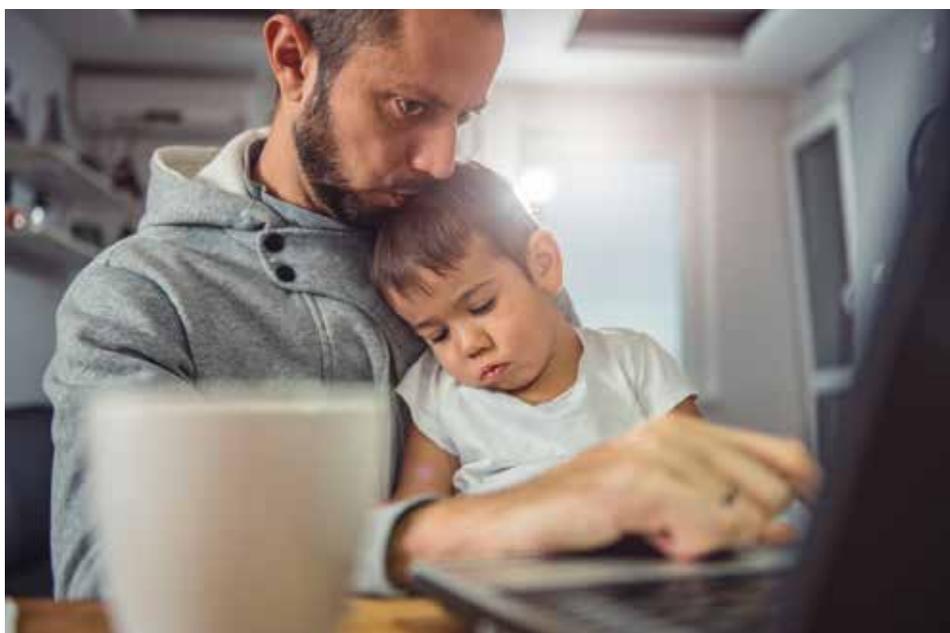
Uma das queixas comuns dos trabalhadores à distância é a dificuldade de se desconectar. O fato de literalmente, «viver no escritório» e a acessibilidade quase ilimitada que a tecnologia oferece não ajudam. Joan Pons, CEO da WorkMeter, enfatiza o fato de que «nesta nova era de home office massivo e hiperconectividade, é muito fácil incorrer na crença de que os trabalhadores estão sempre disponíveis atrás de uma tela».

Mas não é assim. Pelo menos, não deveria ser. Os especialistas apontam a flexibilidade de horários como uma das formas de reduzir essa falta de desconexão. «O fato de as pessoas poderem organizar seu tempo independentemente do horário de expediente permitiria que trabalhassem quando fossem mais produtivas ou mais capazes de conciliar o trabalho com suas outras obrigações, como cuidar dos filhos e dependentes ou das tarefas domésticas», argumenta o professor Armayones.

Joan Pons acredita que uma objetivação do trabalho, utilizando ferramentas que lhe permitam funcionar por objetivos e não por uma mera questão de tempo de conexão, também traria sensatez

ao modelo. «O trabalhador que reclama ter recebido um e-mail às oito horas da noite não diz nada sobre o horário em que saiu para tratar de assuntos pessoais a uma hora da tarde», ilustra.

Ao final, o CEO conclui que, «preservar a saúde exige uma mudança na cultura de toda a empresa e um sistema de medição da produtividade que cubra essa necessária desconexão digital». ✕



Como o mundo trabalha à distância?

A Europa é um exemplo a ser seguido no home office. Segundo dados do INE e do Instituto Valenciano de Estudos Econômicos, a incidência do home office na Espanha em 2019, ou seja, antes da pandemia, era inferior à média europeia (4,8% contra 5,3%) e era muito inferior à média de países como a Holanda e a Finlândia (14,1%) ou Luxemburgo (11,6%). As nações do centro e do norte da Europa são, de fato, as mais avançadas e com uma cultura de home office mais enraizada, fato que pode ser causado por elementos como o clima e uma cultura de menos contato físico do que a mediterrânea.

Os Países Baixos são considerados os campeões mundiais do home office. Circunstância para a qual contribui, sem dúvida, o fato de 98% das suas casas estarem equipadas com internet de alta velocidade. Fatores culturais, como uma longa tradição de envolvimento ativo dos cidadãos em

processos de democracia participativa, tornam mais fácil para os gestores confiar em seus funcionários e para que estes estejam acostumados a funcionar com autonomia; ou fatores legislativos, com altos níveis de incentivos ao home office e à proteção da saúde ocupacional, também andam a favor do trabalho remoto na Holanda.

Na América Latina existem grandes diferenças no que diz respeito à implementação desta modalidade de trabalho dependendo do país em questão. A Colômbia é a nação mais desenvolvida neste aspecto. Com uma legislação específica – em vigor desde 2008 – que regulamenta o teletrabalho e instrumentos de apoio como a «Rede Nacional de Fomento ao Home office», a Administração colombiana promove ativamente uma forma de trabalho que em 2018 já era praticada por 122.278 colombianos.



Em torno do «eco»

TEXTO: ÓSCAR PICAZO IMAGENS: ISTOCK

A sustentabilidade deixou de ser algo de que poucos falavam para ser considerada um aspecto que vai desde a mobilidade até, é claro, a alimentação. Agora as pessoas falam do «4S» referindo-se a uma alimentação saudável, segura, saborosa e sustentável. No entanto, muitos termos se misturam em torno da sustentabilidade e do ecológico. Vamos tentar desvendar esses conceitos.

Ecológico, sustentável, local ou próximo, pegada hídrica, pegada de carbono... todos esses são termos que se tornaram parte do jargão usual e que se aplicam a praticamente todos os aspectos da nossa vida, uma vez que, querendo ou não, a atividade humana impacta o meio ambiente. E não somente a atividade das grandes indústrias, sempre vistas como fontes de poluição; agora, o foco também está nas pequenas decisões que nós, como cidadãos, tomamos todos os dias e que somam ou subtraem esses pequenos impactos sobre o nosso entorno.

A alimentação sustentável tem ganhado cada vez mais força e a consciência da população sobre o impacto de nossas decisões alimentares é cada vez maior. Movimentos como o veganismo, de que falamos recentemente neste espaço, despertaram a consciência ambiental em torno do consumo de alimentos.

Com uma população mundial de quase 8 bilhões de pessoas, está claro que as escolhas que

fazemos têm um impacto muito diferente em nosso planeta. A isso devemos somar a globalização, a revolução dos transportes e da logística. Além do mais, já não nos contentamos em consumir apenas produtos sazonais, agora queremos comer uvas em agosto e laranjas em abril.

Provavelmente, o conceito mais popular é o dos alimentos orgânicos ou simplesmente «Eco». Esse selo evoca no consumidor aspectos como um menor impacto ambiental e uma baixa carga de aditivos químicos, além de pressupor-se que são alimentos mais saudáveis. Mas o que é um alimento orgânico de fato? Por definição, na Europa, é aquele

que seguiu o Regulamento (CE) 834/2007 em sua produção, e que será substituído em 1º de janeiro de 2021 pela entrada em vigor do Regulamento (UE) 2018/848 do Parlamento Europeu e do Conselho de Produção Orgânica e Rotulagem de Produtos Orgânicos.

Pode-se pensar, então, que um alimento que leva o selo Eco é mais respeitoso com o meio ambiente. No entanto, se olharmos em detalhes a normativa sobre produção orgânica, ela se concentra essencialmente no uso de produtos «naturais» para a fertilização do solo e controle de pragas. E com aspas na palavra natural porque este é outro termo que evoca aspectos positivos no consumidor quando comparado ao uso de «químico», sendo que ‘natural’ nem sempre implica em algo saudável ou inofensivo e ‘químico’ nem sempre quer dizer que é algo prejudicial à saúde.

O selo Eco, portanto, não considera aspectos tão importantes para a sustentabilidade como seria a pegada hídrica (quantidade

8.000

MILHÕES DE PESSOAS, A
POPULAÇÃO MUNDIAL, PODEM
GERAR UM IMPACTO DIFERENTE NO
PLANETA, DEPENDENDO DE SUAS
DECISÕES

A alimentação sustentável tem ganhado cada vez mais força e a consciência da população sobre o impacto de nossas decisões alimentares é cada vez maior.



Hoje o foco está nas pequenas decisões que nós, como cidadãos, tomamos todos os dias e que somam ou subtraem esses pequenos impactos sobre o nosso entorno

de água consumida para a produção desse alimento), a pegada de carbono (quantidade de dióxido de carbono que foi gerada, gás de efeito estufa, tanto na sua produção como no seu transporte), a produtividade do cultivo por unidade de área (menor na produção Eco) ou o impacto sobre o ecossistema e a diversidade animal ou vegetal. Assim, podemos encontrar nos supermercados europeus casos aberrantes (como o próprio autor encontrou) de algumas maçãs com um selo Eco da Nova Zelândia. É claro que as melhores práticas de cultivo ecológico puderam ser seguidas, mas a pegada de carbono gerada por seu transporte

e conservação a mais de 15.000 km do destino final desequilibra todos os outros aspectos ecológicos de sua produção.

A tudo isso podemos acrescentar também a preocupação com a ética na produção dos alimentos. E isso não se limita apenas ao bem-estar animal, que ganhou especial destaque pelas práticas desrespeitosas – especialmente na produção de carne – e que diversas vezes se tornaram evidentes. Também diz respeito a aspectos como o respeito à economia local, ao bem-estar social e aos direitos trabalhistas nas áreas de produção dos alimentos. Um exemplo seria o

aumento do preço de culturas como a quinoa, que deixou de ser um alimento básico na dieta de algumas áreas da América Latina para estar fora do alcance da população local. Tudo por causa deste desejo – lícito, em partes – de consumir alimentos exóticos, embora à nível nutricional não forneçam nada que não possa ser encontrado nos legumes de sempre dos países para os quais a quinoa é exportada.

E, em relação à saúde, é necessário mencionar que esse “halo saudável” de produtos orgânicos não é corroborado quando são analisadas as propriedades nutricionais dos alimentos. Aspectos a como



riqueza do solo, as condições de cultivo, variedade, clima, época de colheita, conservação e transporte são muito mais relevantes do que saber se as normas ecológicas foram ou não seguidas em sua produção. E quanto aos resíduos de agrotóxicos, é preciso destacar que, sejam eles produtos sintéticos ou naturais, a solução para o consumidor é sempre a mesma: lavar adequadamente as frutas e verduras antes do consumo. Aliás, evitamos o risco de intoxicação alimentar por microrganismos que a produção Eco por si só não impede.

O que podemos fazer com esta confusão de termos, então? Deixamos para o final dois dos

mais recentes e que estão sendo cada vez mais utilizados: «local e sazonal». Essas palavras têm muito significado por trás delas: produção local, próxima, evitando, assim, o transporte para distâncias desnecessariamente longas, e a pegada de carbono associada a esse transporte, além de contribuir para a economia local. E sazonais, para que possamos ter certeza de estar consumindo os alimentos que estão em sua melhor época de colheita em cada época do ano, evitando novamente a importação de produtos de outro hemisfério.

Qual é, portanto, a dieta mais saudável para nós e para o planeta? Os pesquisadores tentaram responder a essa

pergunta em um artigo publicado na prestigiosa revista *The Lancet*. E a resposta está próxima de uma das opções associadas ao veganismo, mais interessante do ponto de vista nutricional, como é o flexitarianismo: uma dieta baseada em alimentos vegetais, com o consumo ocasional de peixes, principalmente, e, em menor medida, de carnes. Se também garantirmos que esses alimentos sejam de produção local e sazonal, reduziremos ainda mais o impacto ambiental. Mas não devemos pensar que, só por estarmos incluindo o selo Eco em nossas compras, estamos fazendo um favor para o meio ambiente e para a nossa saúde. ✕





Queimados na Espanha: um bálsamo de dados

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ IMAGENS: ISTOCK

Todos nós já sofremos queimaduras em maior ou menor grau. Sua etiologia, diagnóstico e tratamento foram e são objetos de extensos estudos, mas não sua epidemiologia: quem, quando, onde, como e por que nos queimamos? O *Relatório Epidemiológico de Lesionados por Queimaduras na Espanha (2011-2017)* responde a essas perguntas e oferece um bálsamo de informações, dados positivos e tratamentos promissores.

«Não há nada mais profundo do que a nossa pele», afirmava o poema de Paul Valéry. Nos relacionamos com o mundo por meio dessa grande membrana que constitui o maior órgão do nosso corpo. Aproximadamente dois metros quadrados em um adulto e cinco quilos de peso, capazes de proteger, comunicar, sentir e regular o equilíbrio e a relação que configura o nosso corpo e todas as suas peculiaridades. «A vida está protegida por uma membrana, que a diferencia do exterior [...]. A vida é possível porque se esconde e se abriga atrás de limites que a salvaguardam» escreve o arquiteto Luis González-Boado em seu artigo «A pele. A membrana».

Quando nos queimamos, perdemos essa primeira barreira que nos protege, deixando o caminho livre para infecções e deficiências em nossos órgãos. Na verdade, a queimadura é considerada a agressão traumática

mais dolorosa e destrutiva que o ser humano pode sofrer. Mas, curiosamente, embora sua etiologia, diagnóstico e tratamento tenham sido amplamente estudados, a epidemiologia das queimaduras a nível global ainda levanta um



Relatório epidemiológico sobre lesionados por queimaduras na Espanha (2011-2017), elaborado pela Associação Espanhola de Queimaduras e Traumas Elétricos em colaboração com a Fundación MAPFRE

debate: há uma grande dificuldade na hora de comparar taxas e dados entre países e continentes. A OMS tem sido o organismo encarregado de preparar os estudos mais abrangentes a esse respeito. No entanto, sua complexidade e o alto tempo de conclusão faziam com que estes estudos se tornassem obsoletos logo após sua publicação.

A Espanha não foi uma exceção em ter dificuldades na coleta e análise de dados. E foi precisamente esta a razão que levou a Fundación MAPFRE e a Associação Espanhola de Queimaduras e Traumas Elétricos (AEQUE) a trabalharem conjuntamente na elaboração do *Relatório epidemiológico de lesionados por queimaduras na Espanha (2011-2017)*.

«Nós já vínhamos colaborando há dez anos com a Associação Profissional dos Técnicos de Bombeiros (APTB) na publicação do maior estudo nacional sobre

mortes por incêndios na Espanha, mas não havíamos investigado a parte hospitalar dos feridos por queimaduras” – afirma Jesús Monclús, diretor da Área de Prevenção e Segurança Viária da Fundación MAPFRE. Este novo estudo nos permite complementar os dados e construir um trabalho mais completo que reúne as duas principais fontes de informação nesta área: os corpos de bombeiros e os centros de saúde especializados».

«O processo não tem sido fácil», explica o Dr. Enrique Monclús Fuertes, presidente da AEQUE e coordenador médico da Unidade de Queimados Graves do Hospital Universitário Miguel Servet de Zaragoza. «Tardamos bastante em obter dados confiáveis porque não tínhamos informações homogêneas, não sabíamos como coletar essas informações e compará-las entre as regiões. Por isso, há doze anos nasceu a rede de Centros, Serviços e Unidades de Referência do Ministério da Saúde (CSUR)¹, que estabeleceu uma série de critérios para a coleta de dados. O que temos feito agora, depois de uma longa série de anos, é apresentar ao público as informações do período 2011-2017 compiladas pelo Ministério da Saúde e procedentes das sete Unidades de Referência

¹ Hospitais colaboradores: Hospital Universitário Vall d’Hebrón em Barcelona, Hospital Universitário Juan Canalejo em A Coruña, Hospital Universitário La Paz em Madrid, Hospital Universitário Getafe também em Madrid, Hospital Universitário Virgen del Rocío em Sevilha, Hospital Universitário La Fe em Valência e Hospital Universitário Miguel Servet em Zaragoza.



Nacional para Queimaduras Críticas da Espanha. Em breve poderemos compartilhar as conclusões finais de toda a década».

O estudo revela que a cada ano na Espanha uma média de 6.500 pessoas requerem atendimento de emergência em um hospital por terem sofrido uma queimadura. Ou seja, mais de 18 pessoas são atendidas diariamente por esse motivo, das quais 20% –entre 3 e 4 pessoas– necessitarão de internação hospitalar. Infelizmente, desses 20% que entram, cerca de 5% (mais precisamente 4,4%) não conseguirão superar os ferimentos e morrerão em decorrência de queimaduras. Em outras palavras, das 6.500 pessoas que precisam de atendimento emergencial por queimaduras a cada ano, 59 delas morrem.

Em relação às causas das queimaduras, o Dr. Monclús Fuertes faz uma grande diferenciação entre adultos e crianças. A chama é a causa mais

frequente de queimaduras nos adultos, enquanto as queimaduras nas crianças são geralmente devido a líquidos quentes (panelas, chaleiras, caçarolas com água fervendo ou, no caso dos bebês, banhos com a temperatura muito alta para sua pele frágil).

«No que diz respeito às crianças, existe uma circunstância que consideramos especialmente relevante: as internações hospitalares por queimaduras em idade pediátrica diminuíram consideravelmente nos últimos anos. Aliás, o grupo de menores de 14 anos é o que menos registra internações», explica o Dr. Monclús Fuertes. «E é preciso dizer que existe uma grande diferença entre meninos e meninas, os primeiros respondendo por 69,4% das internações. O motivo do menor número de casos nessas idades pode ser devido a campanhas de prevenção e educação, tanto na família quanto na escola», acrescenta.

Ser homem implica em um maior risco de queimaduras? Os números dizem que sim: quase duas em cada três pessoas que procuram atendimento médico por queimaduras são homens. E esse padrão se repete em todas as faixas etárias, exceto nas maiores de 65, onde a tendência se inverte: nessa faixa etária, as mulheres representam quase 60% de todas as admissões no hospital.

Um dado para a esperança: o número de intervenções a que os pacientes queimados devem ser submetidos vem diminuindo nos últimos anos. O motivo se chama bromelaína, um tratamento que é utilizado em todas as Unidades de Referência em Queimados do nosso sistema de saúde e que está oferecendo resultados extraordinários. «Começamos a usá-lo em 2015», explica o Dr. Monclús Fuertes. «É aplicado na forma de pomada e suas propriedades são extraídas do caule do abacaxi. Elimina queimaduras em poucas horas, enquanto antigamente levávamos muitos dias e muitas cirurgias para poder eliminá-las em um paciente amplamente queimado. No momento, o número médio de intervenções cirúrgicas a serem realizadas nesses pacientes é de 1,1 com tendência de queda. A média de permanência no hospital é de 13 dias, também em queda. Com o passar dos anos, nossos pacientes vão para casa mais cedo».

Todas as Unidades de Queimados na Espanha relataram uma redução muito pronunciada no número de urgências de pacientes



queimados atendidos durante a pandemia de SARS-CoV-2 (uma redução entre 80 e 90%). Mesmo assim, essas unidades tiveram que mudar e reorganizar seu pessoal, recursos materiais e circuitos de admissão de pacientes queimados para separá-los em casos positivos e negativos de COVID: «só tivemos 4 casos positivos até agosto», afirmou o Dr. Monclús.

O que não mudou, na opinião dos médicos que atendem estas unidades, é algo que o Barão Dupuytren – o famoso cirurgião francês do século XIX que também reviu e corrigiu a classificação das queimaduras – já advertia em 1839: «O tratamento das queimaduras têm sido objeto, em todos os tempos, das tentativas mais extravagantes de empirismo», disse o barão. Mais de cento e oitenta anos se passaram, mas a frase ainda segue vigente.

«Embora as queimaduras sejam muito comuns, na maioria das vezes

a população não sabe o que fazer e acabam usando muitos remédios caseiros que tornam a queimadura ainda pior», explica o Dr. Monclús. «A primeira coisa que temos que fazer é nos afastar da fonte de calor que está causando a queimadura, embora seja algo óbvio. Em seguida, se alguma de nossas roupas foi queimada, devemos removê-la e retirar os objetos de metal (como joias) que foram queimados conosco. Em seguida, molhe-se em água fria por 2, 3 ou 4 minutos. É importante não aplicar gelo, apenas água fria. Quando já estivermos ensopados veremos a magnitude da queimadura e saberemos se temos que ir a um posto de saúde ou não. E nada de perfurar as bolhas. Os médicos precisam avaliá-las. Nada de pasta de dente ou remédios como gema de ovo. Sempre água fria por alguns minutos e, para promover a cicatrização, a hidratação da região». ✕



Próxima parada para a inovação social: a final dos Prêmios Fundación MAPFRE

TEXTO: CRISTINA BISBAL IMAGENS: CEDIDAS PELOS PROJETOS

Em outubro será realizada em Madrid a final da terceira edição deste importante evento, que premia projetos que farão deste mundo um lugar melhor. A pandemia só demonstrou a importância que a inovação social já tem em nossas vidas. E é por isso que a Fundación MAPFRE adaptou a celebração e reconfigurou o formato de seus prêmios.

A Stanford Graduate School of Business, uma escola de pós-graduação em negócios da prestigiosa Universidade de Stanford, define inovação social como «o processo de desenvolver e implementar soluções eficazes para problemas sociais e ambientais desafiadores e muitas vezes sistêmicos em apoio ao progresso social». Esclarece que se trata de soluções para problemas sociais, de forma que sejam mais eficazes, eficientes, sustentáveis e justas que as anteriores. E lembra que a solução desenvolvida deve ter um valor agregado: «Contribuir principalmente para a sociedade como um todo, e não apenas para os indivíduos». Em outras palavras, um dos pontos fundamentais deste conceito

tem a ver com o fato de que seu objetivo deve estar voltado para alcançar o bem comum.

Felizmente, há alguns anos, a inovação social deixou de ser apenas uma definição e passou a ser uma realidade que já faz parte do nosso dia a dia e do nosso futuro, da realidade dos negócios, da saúde, da tecnologia, dos seguros e da mobilidade sustentável e segura. Na

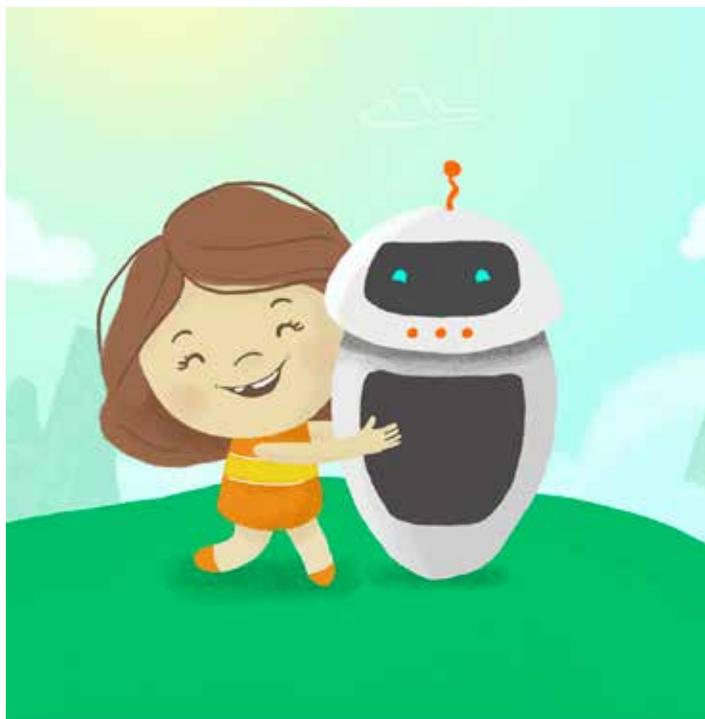
26

PROJETOS SEMIFINALISTAS,
CUJA MISSÃO E RAZÃO DE SER
É IMPACTAR POSITIVAMENTE
A VIDA DAS PESSOAS
AO NOSSO REDOR

Fundación MAPFRE não somos alheios a este fato. Conhecemos bem a importância que a inovação desempenha em nossas vidas. E é por isso que celebramos, pelo terceiro ano consecutivo, nossos Prêmios à Inovação Social. E o fazemos não apenas por causa da COVID-19, mas, precisamente neste ano, com mais motivação do que nunca. Porque a pandemia demonstrou mais uma vez a importância da inovação social para combater as desigualdades em tempos de crise.

Lutar contra a COVID-19

Concepción Galdón, diretora e coordenadora acadêmica de Inovação Social da IE, também promotora desta iniciativa, disse há algumas semanas no site da Fundación MAPFRE: «A luta



© Instituto Laura Fressatto



© Hope

global contra a COVID-19 está gerando profundas transformações em nosso modo de viver e vai nos deixar um novo cenário em que a inovação e a tecnologia passarão a ser a norma. Diante dessa realidade, devemos lembrar que uma vida canalizada em grande parte pela tecnologia poderia gerar muito mais desigualdade ao somar a exclusão digital à desigualdade socioeconômica já existente. A forma de evitar isso é precisamente apostando em colocar a inovação e a tecnologia a serviço dos que mais precisam».

Esta reflexão só aumenta o interesse na promoção da inovação social e, especificamente, nos projetos semifinalistas dos prêmios, cuja missão e razão de ser é impactar positivamente a vida

das pessoas ao nosso redor com suas iniciativas. Galdón sabe bem disso. Ela testemunhou como os inovadores sociais da América Latina trabalharam para apoiar os necessitados. «Durante a semana de 23 a 30 de abril, a Red Innova, uma comunidade de semifinalistas dos Prêmios Fundación MAPFRE à Inovação Social promovidos pela IE University, deu as boas vindas a 26 novos membros. Eles são os semifinalistas da terceira edição da premiação na Europa e na América Latina. Inovadores sociais do Peru, Brasil, Argentina, Equador, México e Espanha se encontraram online para compartilhar seus projetos e se apoiar, compartilhando experiências com semifinalistas de anos anteriores», afirma.

Adaptar-se aos tempos

Com essas reuniões, os semifinalistas deram o exemplo de como é necessário se adaptar às circunstâncias. Não só com as suas reuniões online, mas também com alguns projetos que foram criados para ajudar quem mais precisa durante esta crise. Muitos dos empreendedores sociais que fazem parte desta Rede fabricaram máscaras com impressão 3D; criaram uma plataforma colaborativa de informações e sites georreferenciados relacionados à COVID-19; ofereceram consultas psicológicas gratuitas; criaram medidas para ajudar os inquilinos com dificuldades para pagar o aluguel; ajudaram a conscientizar a sociedade sobre a doença; se comprometeram com a campanha

Um dos pontos fundamentais dos projetos de inovação social tem a ver com o fato de que seu objetivo deve estar voltado para alcançar o bem comum

FiqueEmCasa, entre muitas outras iniciativas. Tudo isso mostra que é possível atravessar esta crise e superá-la de forma mais inclusiva e justa.

Mas eles não foram os únicos que se adaptaram. Na Fundación MAPFRE nos adaptamos em função desses prêmios. Reconfiguramos o formato das três semifinais para podermos desenvolvê-las online. As três equipes de júris (uma para o Brasil, uma para a América Latina e uma para a Europa), formadas por especialistas em diferentes áreas do conhecimento e do empreendedorismo, comprometidos e influentes na área da inovação social, avaliaram em cada um dos projetos seu potencial inovador e seu impacto social, sua escalabilidade e viabilidade, bem como a capacidade e experiência da equipe. As deliberações do júri resultaram nos nove finalistas que apresentamos a seguir e que participarão da Grande Final que acontecerá em outubro.



© 14life

A saúde é o que importa

Na categoria Melhoria da Saúde e Tecnologia Digital (e-Health) o Brasil participa com um projeto do Instituto Laura Fresatto. Trata-se do **Robô Laura**, que leva tecnologia de ponta a preços acessíveis e eficientes para hospitais públicos e filantrópicos

do Brasil. Seu objetivo é salvar vidas, reduzindo a mortalidade hospitalar e a duração das internações. Isso é possível graças à inteligência artificial que lê as informações do paciente e emite alertas que são enviados a cada 3,8 segundos à sua equipe assistencial, a fim de indicar a situação dos



© Electrowave



© Saving the planet

pacientes em risco de deterioração clínica.

A partir da análise de um grande volume de dados, em questão de microssegundos, o algoritmo de aprendizagem automático detecta padrões e determina com um alto grau de confiabilidade as possibilidades de um resultado favorável ou desfavorável ao evento analisado, de forma muito semelhante ao processo de dedução dos seres humanos.

Hope é o nome do projeto finalista do Peru cujo fim é detectar precocemente o papiloma vírus humano (HPV), causador do câncer cervical, já que quase 100% desse tipo de câncer está associado a este vírus. Trata-se de um kit de auto coleta de fácil utilização e de baixo custo que, uma vez adquirido, pode ser levado

para qualquer lugar e, após a coleta da amostra, é recolhido para posterior análise. Posteriormente, o resultado é enviado por e-mail ou SMS ao paciente. Dessa forma, é possível obter um diagnóstico precoce da doença. Até o momento, já foram distribuídos mais de 5.000 testes, deles, quase 600 deram positivo, com os quais esses pacientes puderam saber seu diagnóstico e iniciar o tratamento para evitar o desenvolvimento do câncer.

Mas o mais interessante é que, por ser uma organização sem fins lucrativos, todo o dinheiro arrecadado é transformado em kits que são enviados para mulheres sem recursos e de famílias carentes, para que elas também estejam livres do câncer do colo do útero. Desta forma, cobre-se a enorme brecha de acesso de

muitas mulheres à possibilidade de detecção precoce desta doença.

A Espanha chega à final com **Pauto**, um projeto idealizado e desenvolvido pela i4life, 'Ingeniería para la Vida', cujo desafio é «usar a tecnologia para melhorar a qualidade de vida dos idosos», como nos explica Marián García Prieto, fundadora da empresa.

O Pauto é um dispositivo inteligente acoplado a uma bengala capaz de emitir estímulos visuais e táteis que ajudam os portadores de Parkinson e Alzheimer que sofrem de congelamento da marcha ('freezing'). Ele conta com dois diodos laser que emitem uma linha e um ponto capaz de estimular o cérebro. Incorpora uma vibração como um segundo estímulo, em casos mais graves. Além disso, possui geolocalização para avisar os familiares em caso de perigo.

A importância dos seguros

A inovação em seguros é uma categoria de grande interesse para o público em geral e para as minorias sem recursos em particular. O **'Electrowave'**, por exemplo, consegue reduzir os riscos de danos elétricos. Este projeto foi apresentado pelo Brasil e trata-se de uma plataforma que fornece informações sobre a qualidade da energia e anomalias elétricas.

O que ele faz é monitorar em tempo real para identificar flutuações, picos e quedas de energia. Por usar tecnologia Wi-Fi, pode ser instalado de forma rápida e fácil. Tudo que você precisa fazer é conectar o dispositivo a uma tomada elétrica e configurar a rede de Internet. É assim que os

dados são transmitidos. Por ser tão simples, seu custo é muito baixo e é facilmente acessível.

Entre os projetos escolhidos para a final pelo júri latino-americano, mais um ano o Peru está representado na categoria Inovação em Seguros. **'Saving the planet you have innovative health insurance'** tenta erradicar a tuberculose, doença que ainda atinge milhares de pessoas no Peru (cerca de 14% de toda a América Latina, o que representa três mortes por dia) e está associada à pobreza, superlotação e desnutrição. Tanto é que a Organização Pan-Americana da Saúde estima que a população em maior risco desta doença «são os migrantes, minorias, refugiados e

pessoas privadas de liberdade, que sofrem discriminação e barreiras ao atendimento».

O projeto apresentado pela ASPAT, uma organização sem fins lucrativos, oferece acesso ao seguro saúde para pessoas sem recursos que sejam afetadas por essa doença. Para cobrir essa despesa, os recursos são captados por meio de atividades de reciclagem de resíduos sólidos.

Pensium é o projeto que representa a Europa na inovação em seguros. Este projeto foi pensado para que os idosos que não podem mais morar sozinhos e são obrigados a morar em um asilo ou a ter assistência domiciliar, possam pagá-la sem vender a casa,



© Pensium

A inovação social deixou de ser apenas uma definição e passou a ser uma realidade que já faz parte do nosso dia a dia e do nosso futuro



© Guiaderodas

hipotecando ou descapitalizando a si ou aos seus familiares.

O programa está baseado no aluguel da casa do idoso, podendo ser cancelado a qualquer momento. No caso de o valor do aluguel não cobrir os custos da assistência, a Pensium adianta o dinheiro necessário em troca de continuar gerindo o aluguel até que o valor das contribuições feitas seja recuperado. Desta forma, a família e o proprietário se beneficiam da revalorização da casa, ao mesmo tempo que conseguem o dinheiro necessário para o cuidado do idoso durante a vida.

Mobilidade? Segura e sustentável

Para as pessoas com deficiência e mobilidade limitada, conhecer a acessibilidade dos locais para onde irão é de grande ajuda. Essa é justamente a ideia do **Guiaderodas**, o projeto finalista na categoria Mobilidade Sustentável e Segurança Viária no Brasil. Trata-se de um aplicativo colaborativo no qual qualquer pessoa, com deficiência ou não, pode avaliar a acessibilidade dos locais que visita, para que essa informação fique à disposição de quem quiser consultar.

Declarada a Melhor Solução Digital Inclusiva do Mundo pela ONU, seus pontos fortes são: é um aplicativo gratuito, lugares em todo o mundo podem ser avaliados, qualquer pessoa pode acessá-lo e contribuir, e leva apenas 30 segundos para realizar sua contribuição. De fato, atualmente existem resenhas de mais de 2.000 cidades em 112 países.

O Equador é o país de origem do projeto finalista na América Latina para a última das categorias, **Clipp-MaaS**. Trata-se de uma plataforma multimodal que permite conhecer e utilizar qualquer opção de

transporte de uma cidade. Porque a mobilidade de um lugar determina, em grande medida, a qualidade de vida que oferece.

Desta forma, é possível ter em mãos, através do dispositivo móvel, todos os percursos possíveis em todos os meios de transporte, e escolher o mais conveniente. Além disso, permite pagar eletronicamente e personalizar o plano de mobilidade de acordo com as preferências do usuário.

A Espanha chega à final da categoria Mobilidade Sustentável e Segurança Viária com o **Bastón Egara**, um sistema eletrônico de ajuda para pessoas com deficiências visuais ou cegas. Este sistema pode detectar obstáculos aéreos que estão a meia altura, entre o quadril e a cabeça, graças a três sensores de ultrassom localizados na parte inferior da alça da bengala.

Quando os sensores detectam um obstáculo, o portador da bengala recebe um sinal na pulseira que está presa à alça. Possui ainda um sensor de orientação para não



© Egara

avisar o usuário quando o obstáculo não estiver em seu caminho. Dispõe de três modos de operação que permitem adaptar a funcionalidade da bengala de acordo com o momento e a situação: modo passeio, modo diário e modo movimentado.

Um de seus principais pontos fortes é que este sistema de assistência inteligente é adaptável a todas as bengalas tradicionais para cegos. ✕

Rumo à quarta edição

No dia 30 de outubro lançaremos a quarta edição dos nossos prêmios em três categorias:

- 1) Melhoria da saúde e tecnologia digital (e-Health).
- 2) Economia do envelhecimento: Ageingnomics.
- 3) Prevenção e mobilidade segura e sustentável.

Quer fazer parte da nossa rede de empreendedores sociais?

Inovação social e os ODSs

Muitas teorias sugerem que a inovação social teve seu maior impulso após a crise de 2008, momento em que surgiu um grande questionamento do paradigma global de desenvolvimento econômico. A partir daquele momento, muitas empresas, principalmente aquelas que fazem da tecnologia sua razão de ser, entenderam que as pessoas e o objetivo social devem estar acima do capital. Desde então, o empreendedorismo em inovação social não parou de crescer e de

ganhar importância como parte integrante da economia e da sociedade.

Um exemplo evidente dessa crescente importância é que está muito presente no Fórum Econômico Mundial, instituição que chegou a levantar a possibilidade de a inovação social atuar como garantidora para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Nessa linha, François Bonnici, responsável pela Fundação Schwab para o Empreendedorismo

Social, escreveu em um artigo que a verdadeira revolução que esses empreendedores realizam tem a ver com seus esforços para desenvolver abordagens sistêmicas. «As práticas dos inovadores sociais não são apenas soluções técnicas para problemas, mas tentam mostrar que mudanças nas políticas ou nas regras de mercado em todo o sistema levam a mudanças transformadoras para as pessoas e soluções restauradoras duradouras para o nosso planeta», afirma este membro do Fórum Econômico Mundial.

Outra maneira de ajudar

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ IMAGENS: ISTOCK

Brincar é coisa séria

Como muitas outras crianças, Nahuel González adorava abrir brinquedos para descobrir seus mecanismos internos quando era pequeno. Agora que é engenheiro eletrônico, continua fazendo isso para ajudar outras pessoas. À frente da iniciativa social «Inovar para Incluir», este argentino especializado em áreas relacionadas com a saúde e a educação é a cabeça visível de um exército de «techies» voluntários que se dedicam a transformar brinquedos: reciclando, modificando as suas estruturas e circuitos e adaptando-os para que crianças com deficiência possam utilizá-los sem qualquer limitação. «Essas adaptações têm a ver com a forma como você pode interagir com o brinquedo, explica González. Por exemplo, em uma guitarra de brinquedo que tem os botões muito pequenos, modificamos esses pontos de acesso para funcionarem se a criança tocar em superfícies maiores, ou tornamos possível ativá-los com o pé, ombro, joelho, queixo ou com a cabeça». Em outros casos, trabalham com brinquedos ou bichinhos de pelúcia que não funcionam com pilhas ou baterias, mas aos quais acrescentam um módulo de voz para poder incorporar mensagens



pré-gravadas. Eles os utilizam para realizar atividades de estimulação precoce e para trabalhar com crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista. O «Inovar para Incluir» conta com dois grandes programas: um de capacitação, por meio do qual é ministrado um curso virtual, inicial e gratuito de 3 semanas para se tornar um alfabetizador tecnológico em tecnologias de inclusão social, e outro denominado «Brincar é coisa séria», onde todo o trabalho é articulado com a sociedade para detectar as necessidades das crianças. Essa iniciativa, da qual participaram mais de 2.500 pessoas de toda a América Latina, conseguiu facilitar o acesso a brincadeiras para mais de 1.200 crianças com deficiência.

Mais informações:
www.innovarparaincluir.com

4.400 mensagens positivas sobre o coronavírus

Em abril, a ONU lançou uma proposta para estudantes, designers, freelancers, profissionais, amadores, agências de publicidade e marcas. Tratava-se de criar um espaço de conteúdo criativo na internet que respondesse à Covid-19. O objetivo? Conscientizar e, acima de tudo, animar por meio de mensagens focadas em seis temas: higiene, distanciamento físico, sintomas, gentileza, quebra de mitos e solidariedade. A resposta foi avassaladora. Mais de 17.000 trabalhos foram apresentados em diferentes formatos (textos, áudios, design gráfico, música, animação e vídeo) de criadores



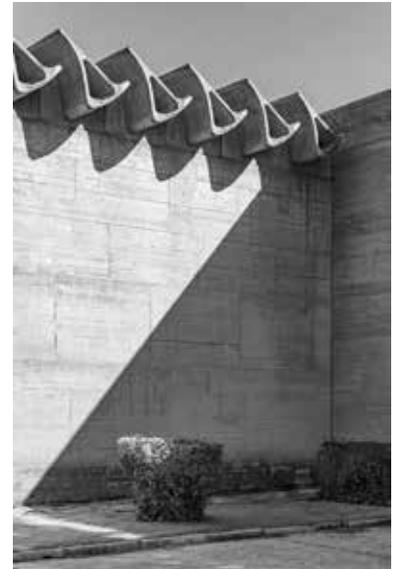
oriundos de 143 países. «A criatividade tem o poder de mobilizar as pessoas, explica Dawda Jobarteh, chefe do quadro estratégico para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. Quando você tem criadores que pensam em mais de 20 idiomas diferentes e que têm interpretações extraordinárias da mesma diretriz, você sempre

obterá um conteúdo criativo capaz de emocionar». Dos 17.000 trabalhos apresentados, foram selecionados 4.400 que atenderam aos requisitos de qualidade para estar na plataforma e para serem utilizados no combate ao coronavírus. Todos eles estão disponíveis gratuitamente para quem quiser, por meio dessas mensagens, conscientizar, animar e lançar uma mensagem de responsabilidade, união e solidariedade nestes tempos de pandemia.

Mais informações no site do projeto: <https://unitednations.talenthouse.com/>

First of All: ajudando com muita arte

«Uma seleção de oportunidades preciosas para ajudar aos demais». Sob este lema se apresenta o First of All: um grupo de fotógrafos, designers, ilustradores, artesãos e ceramistas espanhóis que concordaram em utilizar seus trabalhos para ajudar aqueles que mais foram afetados pela crise da Covid-19. A iniciativa surgiu no início de junho como uma resposta específica a uma situação de emergência. No entanto, nos meses seguintes, tornou-se um projeto de longo prazo: a cada mês, uma cuidadosa seleção de obras doadas por seus criadores será colocada à venda. A Edição Fotográfica – realizada em junho – reuniu obras de mais de 76 fotógrafos espanhóis e todos os lucros foram revertidos para a Federação Espanhola de Bancos Alimentares (FESBALL) e seus 54 bancos associados. Julho foi o mês das Obras Gráficas, com



Luis Asín, *Sin título - Madrid. 2019*

a participação de mais de 60 artistas comprometidos nesta ocasião com o Aldeas Infantiles; setembro foi destinado à venda de obras de Artesanato; em outubro, será o mês dos objetos de Design; em novembro, será realizada uma edição infantil e, finalmente, em dezembro, será organizada uma edição especial. Ángela Esteban, fundadora desta iniciativa, explica que este projeto representa uma forma de continuar posicionando a solidariedade entre os nossos hábitos, «e fazê-lo juntos, como uma comunidade, unidos e fortes».

Mais informações: <https://www.firstofall.es/info/>

Visto na rede

Conheça todas nossas atividades, através das redes sociais. Nesta seção você encontra uma seleção dos melhores posts do Facebook, Twitter e Instagram.

f FACEBOOK

@FundaciónMapfre
@fundaciónmapfrecultura
@FMobjetivocero

🐦 TWITTER

@fmapfre
@mapfreFcultura
@FMobjetivocero
@FMculturaCat

📷 INSTAGRAM

@mapfrecultura

O MELHOR TWEET

@FMobjetivocero

Você sabe o que é o efeito elefante? Ele ocorre quando os passageiros traseiros de um carro não usam o cinto de segurança. Ele ocorre quando os passageiros traseiros de um carro não usam o cinto de segurança. Lembre-se de sempre usar o cinto!
#FM_Contigo
#SegurançaViária



f Fundación MAPFRE

Muito em breve abriremos um novo centro de fotografia em Barcelona. Te convidamos a conhecer todos os detalhes através das redes sociais.

Twitter <http://ow.ly/2ALT50Bwls1>
Instagram <http://ow.ly/rwsF50Bwls0>
#FM_Contigo #Cultura #KBrFMAPFRE

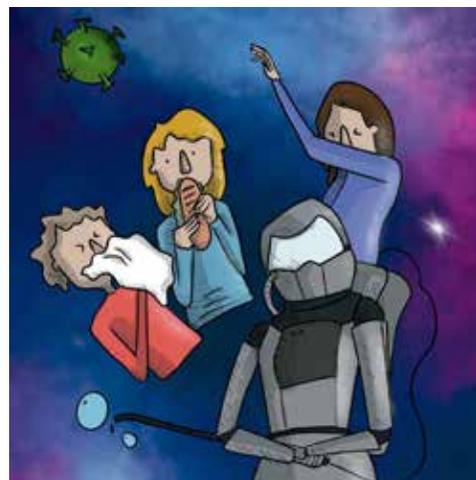


f Fundación MAPFRE



Com a chegada de outubro reabrimos as nossas salas em Recoletos (Madrid). Mais de 300 fotografias para conhecer e entender o olhar de Lee Friedlander. Venha, estamos te esperando!

📷 fmapfre



A reabertura das escolas é um momento muito especial e temos que estar preparados para minimizar o risco de contágio.

#FM_Contigo #Covid19 #VoltaÀsAulas

📷 kbrfmapfre

Nos sentimos especialmente orgulhosos dos nossos catálogos de fotografia e sabemos que vocês os apreciam. Tentamos colocar a alma e a visão do artista em cada um deles. Na biblioteca KBr Fundación MAPFRE é possível encontrar todos os catálogos já publicados.

#Fotografia
#KBrFMAPFRE
#Barcelona
#BCN #Art #Arte
#ArtistOnInstagram
#Artview
#ArtOfDay
#BarcelonaCity
#BarcelonaLife
#BarcelonaSpain
#PlanosBarcelona
#PlanosBCN
#Foto #Fotos
#FotoDoDia
#Fotografia #Fotógrafo
#IgersBCN #Barceloneta
#BillBrandt





KBr é...



#FM_Contigo
#KBrFMAPFRE

<http://ow.ly/NJjS50BkcQI>



Agora que as férias estão chegando, se for viajar, lembre-se das recomendações das autoridades sanitárias, principalmente se for compartilhar o meio de transporte com outras pessoas. O verão chegou, aproveite.

#FM_Contigo #SegurançaViária



FM - Saúde

A sensação depois de concluir as tarefas mais tediosas é ótima. Faça-as por primeiro! E as «boas vibrações» te acompanharão o dia todo. Essas dicas te ajudarão a administrar melhor o seu tempo.

#FM_Contigo #BemEstar



Não conhece todos os tipos de seguros existentes? Aqui te damos algumas dicas para que você escolha o que mais lhe convém.

#FM_Contigo
#SegurançaViária



f Fundación MAPFRE Cultura



Queremos mostrar no mapa as trajetórias de vida de Rodin e Giacometti, destacando alguns dos lugares que foram importantes em suas vidas. Esperamos que você goste. Lembre-se que amanhã, como todas as sextas-feiras, você pode trocar uma selfie por uma entrada gratuita no #RodinGiacometti.

Baixe aqui <http://ow.ly/6XS650AYdSB>

#FM_Contigo #CulturaNoVerão #PlanosMadrid

ig fmapfre

Existem muitas formas de expressar carinho e cuidado, usar a máscara cobrindo o nariz e a boca é uma delas. Mas não só isso, também é um sinal de respeito às pessoas que você não conhece.

**Llevar la mascarilla
es una señal de respeto
y con los que más quieres
una muestra de cariño.**

**Fundación
MAPFRE**

#FM_Contigo #Saúde #Máscara #Covid19 #Amigos
#saúde #bemestar #saudável #bemestaresaúde
#vida #saúdeebemestar #bemestaremocional #saúdeevida
#amor #saudáveis #bemestarfísico #saúdemental
#bemestartotal #bemestarpessoal #bemestarinfinito
#bemestarreal #bemestarsocial

tw Fundación MAPFRE
@FMobjetivocero

Durante o verão, ao viajar de moto, é importante proteger as mãos das quedas e do sol. Existem luvas com tecidos especiais para esta época do ano, que permitem a transpiração e um encaixe perfeito nos comandos. Você já tem a sua?



#FM_Contigo
#SegurançaViária

tw @mapfreCultura
@mapfreCultura

Te encorajamos a olhar para os livros nas vitrines. Veremos o diálogo de Rodin e Giacometti ao longo do tempo.

#RodinGiacometti #PlanosMadrid
#FM_Contigo #CulturaNoVerão

ig mapfrecultura

A arte é um legado, e é assim que Giacometti a entendia. É uma realidade que transcende o ser humano, conforme descrito por Rilke.



#RodinGiacometti
#FM_Contigo #Expo
#Escultura
#literatura #turismo
#escultura #madrid #travel #arte #art #sculpture
#spain #trip #turismonacional #esculturahumana
#turismocultural #ok_madrid #turismointerno #artquote



Dibujo de Alberto Giacometti copiado de Rodin s.f.
Lápis y bolígrafo sobre el libro: Carl Buchheist,
Rodin und das plastische Problem, Berlin,
Berno Schwarabe & Co Verlag, 1921
Fondation Giacometti, Paris

KBr

Fundación **MAPFRE**

Barcelona Photo Center

Paul Strand

Bill Brandt

09.10.20 / 24.01.21



Paul Strand, *Mujer ciega*, Nueva York, 1916. Colecciones Fundación MAPFRE
© Aperture Foundation Inc., Paul Strand Archive



Bill Brandt, *Sirvienta y sirvienta segunda preparadas para servir la cena*, 1936
Private collection, Courtesy Bill Brandt Archive and Edwynn Houk Gallery
© Bill Brandt / Bill Brandt Archive Ltd.

Nace en Barcelona
el Nuevo Centro de
Fotografía de
Fundación MAPFRE.

Ven a conocerlo.

kbr.fundacionmapfre.org Torre MAPFRE. Avenida del Litoral nº 30, Barcelona

Fundación
MAPFRE

www.fundacionmapfre.org

ESP/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE

ENU/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE

PTB/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE

[https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/
publicaciones/revista-fundacion/](https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/publicaciones/revista-fundacion/)

